

AUTORES & LIVROS

15-2-1949
Ano IX

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 4
Vol. X

NOTICIA SOBRE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

Manoel Botelho de Oliveira, nascido na Bahia, em 1636. Era filho de um capitão de infantaria paga — Antônio Alvares Botelho para uns, Antônio Alvares de Oliveira, para outros.

Fez os preparatórios na Bahia, e a seguir partiu para Portugal. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, e diz uma tradição que ali foi amigo íntimo de Gregório de Matos.

Estudou a fundo a língua latino, a espanhola e a italiana. Regressou ao Brasil, em data que se ignora, e abriu banco de advogado. Foi então nomeado Vereador do Senado, da Câmara e Capitão-mor das Ordens. Teve também o título de fidalgo da Casa Real.

Faleceu na Bahia, sete-gendário — em 5 de janeiro de 1711.

Nos anos literários do Brasil, Botelho de Oliveira ocupa um lugar especial: é isso por ter sido ele o primeiro poeta nacional que publicou livro:

Cuidadoso de sua arte, esculpidos da perfeição dos seus versos, ele polui e limou, durante anos, o que lhe saiu da pena. Já velho, deliberou dar a edição de seus trabalhos. Em 1703 obteve licença para isso.

Seu livro foi impresso, no ano seguinte, na oficina de Manuel Menescal, impressor do Tribunal do Santo Ofício. Foi assim que, em 1705 apareceu a veneranda obra, apresentando este longo título: *Música do Parnaso*, dividida em quatro coros de rimas portuguesas, caste-

ianas, italianas e latinas, com seu descante cômico reduzido em duas comédias. Era o livro dedicado a D. Nuno Alvares Pereira de Melo, Duque de Cadaval.

A *Música do Parnaso* tem merecido o apreço dos entendidos. A Academia das Ciências de Lisboa catalogou o poeta entre os clássicos da língua. A Academia Brasileira de Letras escolheu Botelho de Oliveira para um dos patronos do quadro dos correspondentes e deu, na coleção dos Clássicos Brasileiros, uma edição da *Música do Parnaso* juntamente com *A Ilha da Maré*.

Botelho de Oliveira foi, em primeiro lugar, um perfeito eruditó como o evidencia o simples fato de compor, como ele compunha, com igual mestria, nas quatro línguas em que redigiu a *Música do Parnaso*.

Para nós, brasileiros, porém, ele tem uma significação maior do que a de ter sido apenas um eruditó — uma significação maior e que muito mais nos emociona: é ter sido, em sua essência, um poeta que amou e sentiu a natureza brasileira.

Com efeito, se a *Música do Parnaso*, com o seu lírico subjetivo e tanta vez, vago, poderia ter sido composta por um poeta de qualquer latitude — *A Ilha da Maré* só poderia ter sido feita por um poeta brasileiro, e mais do que isso: por um poeta da região baiana. Aqui, realmente, está, em seu amanecer gracioso e ingênuo, a vida do primitivo Brasil do maravilhoso idílico Brasil-balão do século XVIII. E a paisagem da cidade, a vida dos pescadores, são os peixes ou os mariscos, são as plantas nativas... São as frutas — a laranja, o limão, a cítria, as uvas moscatéis, os melões celebrados, as melancias, os romãs rabiçudos, os cocos gostosos, os cajus belos, as pitombas deouradas, os aracás, as banana, a pimenta, o mamão, o maracujá, os ananazes "que para rei das frutas são capazes", a manga... São, também, os (Continua na pág. 45)

UMA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

A primeira parte de *AUTORES & LIVROS* constitui uma gigantesca "História da Literatura Brasileira" que, no tamanho regular de livro, já formaria dois volumes de quinhentas páginas. Os números já publicados constituiriam os dezesseis capítulos iniciais da referida obra, a saber:

Seculo XVI:

I. Pero Vaz de Caminha

II. Pero Lopes de Souza

III. Padre Manoel da Nóbrega

IV. Padre José de Anchieta

V. Gabriel Soares de Souza

VI. Bento Teixeira

VII. Padre de Magalhães Gondavo

VIII. Padre Fernão Cardim

IX. Padre Quiricó Caxa

X. Padre Jerônimo Rodrigues

XI. Padre Leonardo do Vale

XII. Padre Luís Figueira

XIII. Padre Antônio de Araújo

XIV. Des. Jesuítas de nossa literatura.

Seculo XVII:

I. Padre Antônio Vizir

II. Gregório de Matos

III. Eusébio de Matos

IV. Manoel Botelho de Oliveira

BIBLIOGRAFIA DE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

— *Música do Parnaso*, dividida em quatro coros de rimas, portuguesas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante cômico reduzido em duas comédias — *Lisboa* — off. Miguel Menescal — 1705 — 362 pgs. in 8º.

As duas comédias ai incluídas são:

— "Hay amigo para amigo"

— "Amor, enganos y celos".

— *A Literatura* — me-

— *MÚSICA DO PARNA-SO*. *A Ilha da Maré*, de Botelho de Oliveira, Alvaro Pinto, editor (Annuario do Brasil), Rio de Janeiro, (1929), in 8º, 193 X 126, 188 págs. Contém: "Manoel Botelho de Oliveira", por Afrâncio Peixoto; "Manoel Botelho de Oliveira: 1º — Poeta em quatro línguas; 2º — O Poeta nativista, cantor da Ilha da Maré; 3º — O gongorismo na obra de Botelho de Oliveira", por Xavier Marques; "Manoel Botelho de Oliveira, (1636-1711), por Manuel de Sousa Pinto; o "fac-símile" do frontispício da 1ª edição da "Música do Parnaso", precedido de uma ficha bibliográfica por A. (frâncio) P. (exerto), "Música do Parnaso", a "Ilha da Maré".

ALGUMAS FONTES SOBRE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

— Barbosa, Januário da Cunha — *Parnaso Brasileiro*.

— Barbuda, (Pedro Ju-lio) — *Literatura brasileira*, p. 127 e 211.

— Carvalho, Ronald de — *Pequena História da Literatura Brasileira*, p. 89.

— Diniz, Almácio — *Antologia da Língua portuguesa* — p. 281.

— Freyre, Lauro — *Clássicos Brasileiros* — p. 73.

— Gama, Chichorro da — *Miniaturas biográficas*, p. 23.

— Revista da Língua Portuguesa, n. 13, p. 180.

— Breve Dicionário de Autores Clássicos — p. 23.

— Gomes, Alfredo — *História Literária*, em *Dicionário Histórico, Geográfico e Etônico* — Introdução — vol. 1º, p. 1313.

— Leite, Solidonio — *Catálogo anotado*, p. 287.

— Macedo, Joaquim M. de — *Ano biográfico* — 1º vol., p. 19.

— Machado, Barbosa — *Biblioteca Lusitana*.

— Marques, Xavier — *Manoel de Oliveira*, — *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n. 81, p. 5, e na *Música do Parnaso*.

— Perle (Ed.) — *Literatura Brasileira* — p. 373.

— Passos, Frota — *Critica e polêmica* — p. 16.

— Pinheiro, Fernandes — *História Literária*, 2º vol., p. 309.

— Literatura Nacional, p. 194.

— Pinto, Manoel de Souza — *Manoel Botelho de Oliveira, em Música do Parnaso*.

— Romero, Silvio — *História da Literatura Brasileira* — 1º vol., p. 164.

— Varnhagen, F. A. —

CLASSICOS BRASILEIROS

OBRAS DE BOTELHO DE OLIVEIRA

Musica do Parnasso

A ilha de Maré

ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

Página de título da "Música do Parnaso" (edição da Academia Brasileira de Letras)

SUMARIO

PAGINA 37:

- Notícia sobre Manoel Botelho de Oliveira.
- Bibliografia de Manoel Botelho de Oliveira.
- Algumas fontes sobre Manoel Botelho de Oliveira.

PAGINAS 38 e 39:

- Poesias de Manoel Botelho de Oliveira.
- *A Ilha da Maré*.

Sonetos: Aos maus julzes

- A morte do Padre Antônio Vieira — A morte do Irmão do dito (Bernardo Vieira Ravaresco) — A morte dos dois filhos judeus ao mesmo tempo — Sobre os maus originados pelo ouro.

Soneto II: — Persuade a Anarda que ame.

- Soneto IV: — Sol e Anarda.

Soneto VII: — Cega duas vezes, vende Anarda.

- Soneto XIII: — Ao sono.
- Soneto XIV: — Anel de Anarda.

Soneto XV: — Anarda enculpada no coração lacrimoso.

- Soneto XVI: — Anarda temerosa de um raio.
- Soneto XVII: — Esperança sem logro.

Soneto XX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XV: — Anarda enculpada no coração lacrimoso.

Soneto XVI: — Anarda temerosa de um raio.

- Soneto XVII: — Esperança sem logro.

Soneto XX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XVIII: — Anarda enculpada no coração lacrimoso.

Soneto XIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XX: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXII: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXX: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXXII: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXXIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXXIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXXV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXXVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXXVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XXXVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto XXXIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XL: — Rosa, e Anarda.

Soneto XLI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XLII: — Rosa, e Anarda.

Soneto XLIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XLIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto XLV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XLVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto XLVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto XLVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto XLIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto L: — Rosa, e Anarda.

Soneto LI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto LV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LX: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LX: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LX: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LX: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LX: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LX: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXIV: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXV: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVI: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXVII: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXVIII: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXIX: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LX: — Rosa, e Anarda.

Soneto LXI: — Rosa, e Anarda.

- Soneto LXII: — Rosa, e Anarda.

POESIAS DE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

A Ilha de Maré

Jaz em obliqua fórmula e prolongada
A terra de Maré, toda cercada
De Deputado, que temido o amor constante,
Lhe dá muitos abraços por amante;
E botando-lhe os braços dentro dela.
A pretendo gozar, por ser muito bela.
Nesta assistência tem o senhoras,
E tanto a galanteia,
Que do mar de Maré tem o apelido,
Com quem presa o amor de seu querido:
E por gosto das prendas amadoras
Fica mare de rosas,
E vivendo nas áncoras sucessivas,
São do amor marés vivas;
E se não mortas menos a conhecê,
Maré de saudades lhe parece.
Vista por trás é pouco apetecida,
Porque aos olhos por trás é parecida;
Porém dentro habita
É muito bela, muito desejada,
E como a concha tosca e deslustrosa,
Que dentro crua e perdoa formosa.
Engrenam-se nella outras
Com soberbas de montes altaneiros,
Que os vales por humildes desprezando,
As presunções do mundo estão mostrando,
E querendo ser principes subidos
Picam os vales a seus pés rendidos.
Por um só lado
Vários lenhos se vêem no mar salgado.
Uns vão buscando da cidadela a via,
Outros della se vão com aluguer;
E na desigual ordem
Consiste a formosura na desordem.
Os pobres pescadores em savelhos,
Em canoas ligelros,
Fazem com tanto esforço
Do trabalho marítimo regalo!
Uns as redes estendem,
E vários peixes por pequenos prendem;
Que até nos peixes com verdade pura
Ser pequeno no Mundo é desventura;
Outros no anseio fiados
Tem aos miseráveis peixes enganados.
Que sempre da illa liga cubiculados
Perdem a própria vida por gulosos.
Aqui se cria o peixe regalado
Com tal sustância, e gosto preparado,
Que sem tempo algum para apetite
Faz gostoso convite
E se pode dizer em graça rara
Que a mesma natureza os tempera.
Não falta aqui marisco saboroso,
Para tirar fasto ao melindroso;
Os polvos radiantes,
Os lagostins flamboyantes,
Camarões excellentes,
Que são dos lagostins pobres parentes;
Retirados e cranguejos,
Que formam pés das boccas com festeos.
Ostras, que alimentadas
Estão nas pedras, onde são geradas,
Em fim tanto marisco, em que não falo.
Que é variado peixeiro para o regalo.

As plantas, sempre nella reverdecem.
E nas folhas parecem,
Desterrado do Inverno os desfavares,
Esmeraldas de Abril em seus verdes,
E delas por adorno apetecido
Faz a divina Flora seu vestido.
As frutas se produzem copiosas,
E são tão deliciosas,
Que como junto no mar o sol é posto,
Lhes dá salgado o mar o sal do gosto.
As canas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem.
Que, porque crescem muito,
Em doze meses lhes sazona o fruto,
E não quer, quando o fruto se deseja,
Que sendo velha a cana, ferir seja.
As laranjas da terra
Poucas azedas são, antes se encontra
Tal doce nessas pomos,
Que o tem clarificado nas suas ramos;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos lindos, todas azedas.
Nas que chiamam da China
Grande sabor se afina,
Mais que as da Europa doces e melhores,
E têm sempre a vantagem de maiores,
E nesta maioria,
Como maiores são tem mais valia.
Os lindos não se presam,
Antes por serem muitos se despresam...
Ah! se a Hollanda os gozará!
Por nenhuma província se trocam.
As cítrias amarelas
Caindo estãos de belas,
E como são inchadas, presumidas,
E bom que estejam pelas chão caídas.
As uvas moscatéis são tão gostosas.
Tão raras, tão mimosas,
Que se Lisboa as vira, imagina
Que alguém dos seus pomares as furtaria;
Dellas a produção por copiosa
Parece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes,
Geram dois partos, sempre, em doze meses.
Os melões celebrados
Aqui tão docemente são gerados,
Que cada qual tanto sabor alegra,
Que são feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agrados.

Ben se pode dizer que são letitados,
Não falo em Valarica, nem Chamusca:
Porque todos offusca
O gosto destes, que esta terra abona
Como próprias delícias de Pomona.
As inebriâncias com igual bondade
São de tal qualidade,
Que quando docemente nos recrêa,
E cada melancolia uma colmeia
E as que tem Portugal lhe dão de rosto,
Por insulhas aborboras no gosto
Aquí não faltam figos,
E os solictiam passaros amigos,
Appetitosos de sua doce usura.
Porque cras appetites a doçura:
E quando acaso os matam,
Forques os figos maltratam,
Parecem mariposas que embobidas
Na chama alegre, vão perdendo as vidas.
As romãs rubicundas quando abertas
A vista agradam, são, à lingua, offertas,
São tesouro das frutas entre afagos,
Pois são rubis suaves os seus bagos
As frutas quasi todas nomadas
São no Brasil de Europa trazidas,
Porque tem o Brasil por mais façanhas
Além das próprias frutas, as estranhas.
E tratando das próprias, os coqueiros,
Galhardos e frondosos,
Cram cocos gostosos;
E andou tão liberal a natureza
Que lhes deu por grandesa,
Não só para beber, mas sustento,
O nectar doce, o candido alimento.
De várias cores são os caquis bellos,
Una são vermelhos, outros amarelos,
E como vários são nas várias cores,
Também se mostram vários nos sabores;
E criam a castanha,
Que é melhor que a de França, Itália, Hespanha.
As pitangas fecundas
São na cor rubicundas,
E no gosto plenamente comparadas
São da América ginjas desfaradas.
As pifombras duras, se as desejas,
E para terem o primor intelecto
A ventagem lhes levam pelo cheiro.
Os aragazes grandes ou pequenos,
Que na terra se criam mais ou menos,
Como as peras de Europa engravidecidas,
Como elas variadamente parecidas.
Também se fazem dellas
De várias cascas maceradas bellas.
As bananas no mundo conhecidas
Por fructo e mantimento apetecidas,
Que o céu para regalo e paizamento
Liberal as concede em todo o tempo,
Competem com maçãs ou baionas,
Com peras verdes ou camoesas;
Também servem de pão aos moradores,
Se da farinha faltam os favores;
E conduto também que dá sustento,
Como se fosse próprio mantimento;
De sorte que por graca ou por tributo
E fructo, é como pão, serve em conduto.
A pimenta elegante
E tanta, tão diversa e tão picante,
Para todo o tempoco accommodada.
Que é muito avançada,
Por fresca, e por sada
A que na Ásia se gera, Europa cría;
O mamão por frequente
Se crua vulgarmente,
E não presta o Mundo;
Porque é muita vulgar em ser fecundo.
O maracujá também gostoso e frio
Entre as frutas merece nome e brio;
Tem nas pevides mais gostoso agrado
Do que assucar rosado;
E bello, cordial, e come é molle,
Qual suave manjar todo se engole.
Verde os abacaxis
Que para rei das frutas são capazes;
Vestem-se de escarlate
Com magestade grata,
Que para ter do Imperio a gravidade
Logram de coroa verde a magestade;
Mas quando tem a coroa levantada
De picantes espinhos adornada.
Nos mostram que entre reis, entre rainhas
Não ha coroa no Mundo sem espinhas.
Este pombo celebra todo a gente,
E muito mais que o peacock excellente,
Pois lhe leva a vantagem graciosa
Por maior, por mais doce e mais cheiroso.
Além das frutas, que este terra crisa,
Também não faltam outras na Bahia;
A mangava mimosa,
Salpicada de tintas por formosas.
Tem o cheiro famoso
Como se fôra almíscar oloroso;
Produz-se no mato
Sem querer da cultura o duro trato.
Que como em si toda a bondade apura,
Não quer dever aos homens a cultura.
Ou que galharda fruta e soberana
Sem ter industria humana!
E se Jove an tirava dos pomares,
Por Ambrosia as puras entre os manjares!
Com a mangava bella a semelhança
Do macacú se alcança.
Que também se produs no mato inculto
Por soberano induto.
E sem fazer ao mel injusto agravo,
Na boca se desfaz qual doce favo.

Outras frutas dissera, porém basta
Das que tenho descripto a varia casta,
E vamos aos legumes, que plantados
São do Brasil sustentos duplicados:
Os mangalas que brancos ou vermelhos,
São da abundância espertos;
Os candidos inhames, se não minto.
Podem tirar a fome ao mais faminto.
As batatas, que assadas ou cozidas
São muito appetecidas;
Dellas se faz a rica batatada
Das Belgas nações sollicitada.
Os carás, que de rexo estão vestidos,
São lovos dos legumes parecidos,
Dentro são alvos, cuja cor honesta
Se quis cobrir de roxa por modesta.
A mandioca, que Thomé sagrado
Deu ao gentio amado.
Tem nas raizes a farinha oculta:
Que sempre o que é feliz, se dificulta.
E parece que a terra de amores
Se abriga com seu fructo deleitoso;
Della se faz com tan a actividade
A farinha, que em facil brevidade
No mesmo dia sem trabalho muito
Se arranca, se desfa, se coze o frango;
Della se faz também com mais cuidado
O beiju regalado,
Que feito tenro por curioso amigo,
Grande vantagem leva no pão de trigo.
Os aypons se aparentam,
Co'a mandioca, e tal favor alienam,
Que tem qualquer, costido ou seja assado,
Das custanhas da Europa o mesmo agrado.
O milhos que se planta sem fatigas,
Todo o anno nos dá frutos espigas,
E é tão fecundo em um, e em outro filho,
Que são milos liberas as milos de milho.
O arroz semedo
Fertilmente se vê multiplicado;
Calle-se da Valença por estranha,
O que tributa a Hespanha.
Calle-se do Oriente,
O que come o gentio, e a Lízia gente,
Que o do Brasil quando se vê costido,
Como tem mais substancia, é mais crescido;

Tenho explicado as frutas e legumes,
Tenho recebido
O que o Brasil contém para invejado,
E para preferir a toda terra.
Em si perfeitos quatro AA encerra.
Tem o primeiro A, nos arvoredos
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
Tem o segundo A nos ares paros,
Na temperie agradável e seguros;
Tem o terceiro A nas aguas frias,
Que refrescam o peito, e são sadia,
O quarto A no açucar deleitoso,
Que he do Mundo o regalo mais mimoso.
São polis os quatro AA por singulares
Arvoredos, assucar, aguas, ares,

Nesta illa está mui ledo, e mui vistoso
Um engenho famoso.
Que quando quiz o fado antigamente
Era rei dos engenhos premiente.
E quando Hollanda perfidiu e nociva
O queimou, renasceu qual Fenix viva.

Aqui se fabricaram três capellas
Dito assim bellas.
Uma se estiuera em fortaleça tanta,
Que de abobada forte se levanta:
Da Senhora das Neves se appellida,
Renovando a piedade exalrecida,
Quando em devoto sonho se viu posto
O nevado candor no mez de Agosto.
Outra capella vemos fabricada,
A Xavier illustre dedicada.
Que o Maldinado patroco entendido
Este edificio fez agradecido
A Xavier, que foi em santo alento
Gloria da igreja, do Japão portento.
Outra capella aqui se reconhece,
Cujo nome a engenhice,
Pois se dedica à Conceição sagrada
Da Virgem pura, sempre inmaculada,
Que foi por singular mais formosa
Sem manchas has, sem espinhos rosa.
Esta illa de Maré, ou de alegria,
Que é termo da Bahia,
Tem quasi tudo quanto o Brasil todo,
Que de todo o Brasil é breve apodo;
E se aígo intempo Cithera a achâs,
Por essa sua Chipe despresaria,
Porém tem, com Maria verdadeira,
Outra Venus melhor por padroeira.

Romances em Exdruxulos

Escrevels ao rei monárquico
O mal do estado brasileiro,
Que perdendo o vigor florido,
Se vê quasi paralytic,
Porém vos, como católico,
Imitando a Deus bonissimo,
Lhe dais a piedade placida
Para seu remedio líquido,
O dinketo é nervo vivido,
E sem elle fica languido,
Fica todo debilissimo.

POESIAS DE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

Em vossas arbitrios optimos
Cois treas vezes scientifico,
Dictando o governo de ethico,
Economico e politico.

Aos engenheiros das anelitos,
Que estando de empenhão tyticos,
Tornam em amargo vomito
O mesmo assucar dulcissimo.

Tambem da pobreza misera
Attendais ao estado humilhimo,
Assim como o ralo delírio
Nô despros o logar infimo.

Aos mercadores da America
Infundis de ouro os espíritos,
Quando propõeis o provido
Com pena de ouro finissimo.

Pasma em Portugal atônito
Todo o estadista satyrico,
E as mesmas censuras horridas
Vos dão facias panegyricas.

Se faltas verdade ao Principe,
Não temais o zólio rígido;
Que no sol da verdade lucida
Nô faz mal o valor critico.

O Brazil a vossos méritos
Como se fôra fatídico,
Vos annuncia o sceptro maximo
Sobre o Ganges e mar Indico.

Solo em vossa obras unico
Para maiores, ou minimos,
Sôis na justiça integerrimo,
Sôis na limpeza clarissimo.

Solo descendente do Camara,
Aquelle Gonçalves inclito,
Que com discurso astronomico
Sugetou golfo marítimos.

Solo tambem Coutinho impavido,
Mas vosso couto justissimo,
Nô val a homicidas reprobos,
Nem a delinquentes rispidos.

Vosso filho primogenito
Aprende de vós solicto
As virtudes para bellico,
As acções para magnifico.

Em seu annos inde luxurios
Tem verdoras prudencias temerarias,
E com gravidade lepidio.
E sem soberba illustrissimo.

Vivê señor muitos séculos
Entre aplausos felicissimos
Onde nasce Apollo férvido,
Onde more o polo frigido.

SONETOS

Aos maus juizes

Que julgas, ô ministro de justiça?
Porque fazes das leis arbitrio errado?
Ouidas que das sentença sem peccado,
Sendo que alguém respeito mais de alçada?

Para obrar os enganos de injustiça?
Bem que teu peito vive confiado,
O entendimento tens todo armastado.
Por amor, ou por odio, ou por cobia.

Se tens amor, julgaste o que te mandei:
Se tens odio, no inferno tens o pêito;
Se tens cobia é barbara, execranda.
Oh miseria fatal de todo o feito!

Que não basta o direito da demanda,
Se o julgador te nega esse direito.

A morte do padre Vieira

Fostes Vieira engenho tão subido,
Tão singular, e tão avançado,
Que nunca serás mais de outro imitado.
Bem que sejais de todos aplaudido.

Nas sacras Escrituras embaldido,
Qual Agostinho, fostes celebrado;
Ele de Africa asombro venerado,
Vós de Europa portento esclarecido.

Morrestes, porém não; que ao mundo atrois
Vossa penha, que aplausos multiplica.
Com que de eterna vida vos coroai;

E quando immortalmente se publica,
Em cada raigo seu a fama vds.
Em cada escrito seu uma alma fica.

A morte do irmão do dito

Idea illustré do melhor desenho
Foste entre o trabalho sucessivo,
E nas ordens do Estado sempre activo
Era o sélo da patria o vosso empenho.

Ostentastes no officio o desempenho
Com prompta execução, discurso vivo,
E formando da pena o voo alto,
Agua se viu de Apollo o vosso engenho.

Despede a morte, cegamente traido
Contra vós uma seta rigorosa,
Mas não vos tirá a vida dilatada;
Que na fama immortal e gloriosa,
Se morreste como agua sublimada,
Renascereis como Fenix generosa.

Sobre a morte dos dois ditos irmãos a um tempo

Creou Deus na celeste architectura
Dois luseiros com giro cuidadoso,
Um que presidia o dia luminoso,
Outro que presidisde à noite escura.

Dois luseiros também de igual ventura
Creou na terra o Artifice piedoso;
Um, que foi da Escritura só famoso,
Outro, planeta de ignorância impura.

Brilhando juntos um e outro luseiro,
Com sábia discricão, sô profundo,
Nô podia um viver sem companheiro.
Sucedeu justamente neste mundo,

Que feneceu aquele por primeiro,
Este também feneceu por segundo.

Sobre os males originados pelo ouro

Canção

Os monarcas sustentam, poderosos,
Co'este metal precioso.

Imperios opulentos, generosos:
Porém, tendo nos reis imperio amado,
Executando facetas vituperios,
Tem imperio nos reis, é rei de imperios.

A justiça corrompe verdadeira

No ministro imprudente,
Querba as regras da justiça, as leis de inteira;
Pois esta forma no interesse ardente.
Não com fiel, mas infiel desprezo
Da cobiça a balança, do ouro o peso.

Inferno se padece lastimoso,

Não se liga o ouro claro
Nas graves pretensiones do cubicôeo,
Nos obsequios solicitos do avaro;
Um o procura, outro não goza dele.
Este Tantalo está, Stypho aquelle!

Quando faltava d'ouro a gentileza,

A genie pobre e rica
Lograva idade de ouro na pobresa;
Mas quando n'esta idade se publica
Uno contrários motivos de impiedade,
De ferro idades fer, não de ouro idade.

Qual aspide que entre flores escondido,
Na florida beleza

Brota ao peito o veneno mal-sentido;
Assim pois na lúrida gentileza
Mata o metal, matando brilhadores,
Nos luzimentos um, outro nas flores.

Profanando de Damae a vila pureza

Em chuvosos amores,
Apezar de engenhos forteza,
Apezar dos cuidados guardadores,
Murchou na chuva de ouro rigorosa

O modesto Jasmin, a virgem rosa!

Entre o logo da paixão solicitada

A guerra determina,
Bem que outro brilha, engeita a paz dourada;
E quando marciais profusões afima,
A paixão compra, de sorte que na terra
Guerra se vê de paz, e paz de guerra.

A natureza em vés escondidas

Cria o metal oculto,
Quiçá piedosa de mortais feridas;
Mas quando o desenrranhia humano insulto
Da mesma vés d'onde nasce bello
Corre logo a ambição, mana o desvelo.

O rigor se arma, a guerra se refina,

A cubica se apura,
A morte contra o peito se fulmina,
O engano contra o peito se conjura,
De sorte que acumula o peito humano
Rigor, guerra, cubica, morte, engano.

Canção, suspende já de Euterpe o metro,
Que em Philius tens para cantar no Pindo
De seu cabello de ouro, ouro mais lindo!

SONETO II

Persuade a Anarda que ame

Anarda vi na estrela, que impiedoso
Vital influxo move amor querido
Adverte no jasmim, que embranquecido
Candida fé publica de amoroso.

Considera no Sol, que luminoso
Ana o jardim, de flores guarnecido;
Na rosa adverte, que em coral florido
De Venua veste o pacar lastimoso.

Anarda pois, não queira arrogante
Com desdem singular de rigorosa
As armas desprezar do Deus triunfante.

Como de amor te livras poderosa,
Se em teu gesto florido, e rutilante
Na estrela, é jasmim, é Sol, é rosa.

SONETO IV

Sol, e Anarda

O Sol ostenta a graça luminosa,
Anarda por lúrida se põdera;
O Sol é brillador na quarta esfera,
Brilha Anarda na esfera de fermosa.

Fomenta o Sol a chama calrosa,
Anarda no peito viva chama altera,
O jasmim, cravo, e rosa ao Sol se emera,
Cris Anarda o jasmim, o cravo, e rosa.

O Sol à sombra dá belos desmaios
Com os olhos de Anarda a sombra é clara,
Pinta Raíos o Sol, Anarda Maios.

Mas (designais só nisto) se repara
O Sol liberal sempre de seus raios,
Anarda de seus raios sempre avara.

SONETO VIII

Cega duas vezes, vendo a Anarda

Querendo ter Amor ardente ensalo,
Quando em teus olhos seu poder inflama,
Teus soes me acendem logo chama a chama,
Teus soes me regam logo ruio a ruio.

Mas quando de teu rosto o belo Maio
Desdenha amores no rigor que acama.
De meus olhos o pranto se derrama
Com viva queixa, com mortal desmaio.

De sorte, que padecço os resplandores,
Que em teus olhos lucentes sempre aviva,
E sinto de meu pranto os desfazores;

Cego me fazem já com ansias vivas
De teus olhos os soes abrazadores,
De meus olhos as aguas successivas.

SONETO XIII

Ao sono

Quando em magus me vejo atribulado,
Vem sono, a meu desvelo padecido,
Refrigera os incendios do sentido,
Os rigores suspende do cuidado.

Se no monte Címero retirado
Triste lugar occupas, te curioso
Que venhas a meu peito enristecido,
Porque triste lugar se tem formado.

Se querem noite escura teus intentos,
E se querem silencio; nas tristezas,
Noite, e silencio tem meus sentimentos:

Porque triste, e secreto nas ternezas,
E meu peito uma noite de tormentos,
E meu peito um silencio de finezas.

SONETO XIV

Anel de Anarda ponderado

Este vimejo, Anarda, luminoso
Do minimo jasmim priso dourado,
Logra na mão beleza duplicada,
Quando logra na mão candor fermoso.

Se te aprisiona seu favor lustroso,
Te retrata os effeitos de adorada;
Porque quando te adoro a luz amada,
Me aprisionas o peito venturoso.

Agora podem teus desdencs esquivos,
Na breve roda de ouro ver seguros,
Se cuidados, se incendios logro ativos;

Pois nela considero em males duras,
Que tenho a roda dos cuidados vivos,
Que tenho o ouro dos incendios puros.

SONETO XV

Anarda esculpida no coração lagrimoso

Quer esculpir artifice engenhoso
Uma estatua de bronze fabricada,
Da natureza forma equivocada,
Da natureza imitador famoso.

No rigor do elemento luminoso,
(Centra as idades sendo eternizada)
Para esculpir a estatua imaginada,
Logo derrete o bronze lagrimoso.

Assim tambem no doce ardor que avivo,

POESIAS DE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

Sendo artifice o Amor, que me desvela,
Quando de Anarda faz retrato vivo;

Derrite o coração na imagem dela.
Derramando do peito o pranto esquivo.
Esculpindo de Anarda a estatua bela.

SONETO XVI

Anarda temerosa de um raio

Bramando o Céo, o Céo resplandecendo,
Belo a um tempo se via, e rigoroso,
Em fugitivo ardor o Céo lustroso,
Em condensada voz o Céo tremendo.

Gira de um raio o golpe, não soffrendo
O capricho de uma arvore frondoso:
Que conta o brío de um subir glorioso
Nunca fata de um raio o golpe horrendo.

Anarda vendo o raio desabrido,
Por altaiva temeu seu golpe errante,
Mas logo o desengano foi sabido.

Não temas (disse eu lago) o fulminante:
Que nunca ofende o raio ao Céo lustroso.
Que nunca teme o raio o Sol brillante.

Que só nisto serás certa esperança:
Em ser falsa esperança da ventura.

SONETO XVIII

Esperanças sem logro

Se contra minha sorte enfim pelejo,
Que queréis, esperança maoada?
Se não vejo de Anarda o bem que agrada.
Não procureis o bem do que não vejo.

Quando frustar-se o logro vos prevejo,
Sempre a ventura espírito dilatado;
Não vejo o bem, não vejo a gloria amada.
Mas que muito, se é cego o meu desejo?

Enfermado do temor, e não se alcança
O que sem cura quer vosas loucuras;
E morreréis de vossa confiança.

Esperança não sois, portem-se apura,

SONETO XX

Rosa, e Anarda

Rosa da formosura, Anarda bela.
Igualmente se ostenta como a rosa;
Anarda mais que as flores é formosa.
Mais formosa que as flores brilha aquela.

A rosa com espinhos se desvila.
Arma-se Anarda espinhos de implacada;
Na fronte Anarda tem purpura arosa.
A rosa é dos jardins purpura estrada.

Brotá o carmim da rosa doce aberto,
Respira olor de Anarda o carmim breve.
Ambas dos olhos são contentamento:

Mas esta diferença Anarda teve:
Que a rosa deve ao Sol seu lustramento.
O Sol seu lustramento a Anarda deve.

Uma página de prosa de Manoel Botelho de Oliveira

Dedicatoria da "Musica do Parnaso", ao Duque de Cadaval

AO EXCELENTISSIMO
Senhor D. Nuno Alvares
de Mello, Duque do Cadaval, Marquez de Ferreira, Conde Tentugal, Alcalde-mor das Villas, & Castellos de Oliveira, & Alvor. Senhor das Villas de Tentugal, Buarcos, Villa nova d'ausos, Rabapal, Alvayzere, Penacova, Mortagosa, Ferreirodavas, Cadaval, Cercal, Petal, Villaboa, Villarruiva, Albergaria, Agua de peixes, Mujem, Noudar, & Barrancos: Comendador das Comunidades de Grandiola, Sardoal, Eyxo, Moraes, Marmeira, Noudar & Barrancos — Dos Conselhos de Estado, & Guerra, & do Despacho de mescla, & expediente. Mestre de Campo General da Corte, & Provinça de Extremadura Junto à pessoa de Sus Magestade, Capitão-General da Cavalaria da mesma Cór-

te, & Província, Presidente do Dezembargo do Paço, &

CELEBRE fer em Focio no Monte Parnasso o ter sido das Musas domicilio, mas se... isso teve a fortuna de ser talvez o primeiro, nasc faltou quem lhe tirasse a de ser unico. Essa queixa pode formar da fomoxa Grecia, para... interiores Províncias se passarão, as Musas com todo empenho, como foy o que tiverão em fazer aquele portento da sua Arte, o insigne Homero, cujo poema eternizou no Mundo as Memorias da sua pena & do seu nome. Transformou-se Italia em huma nova Grecia, & assim, ou lhe passarão outra vez de Grecia, ou de novo renascerão as Musas em Italia, fazendo-se tão conmuntar as suas engenhos, como entre outros o forão no do fomozo Virgilio, & elegan-

te Ovidio, os quaes, vulgarizada depois, ou corrupta a lingua Latina, na mesma Italia se reproduziram no grande Tasso, & delicioso Marino, Poetas, que entre muitos floreceram com singulares creditos, & não menores estimações. Ultimamente se transferiram para Hespanha donde fol, & é tão fecunda a copia de Poetas, que entre as demais nações do Mundo parece que os Hespanhos adoptaram as Musas por seus filhos, entre os quaes mereceu o culto Gongora extravagante admiração, & o vassitissimo Lope aplauso universal: portem em Portugal, illustre parte das Hespanhas, se naturalizaram de sorte, que parecem identificadas com os seus Patrios; assim o testemunham os celebrados Poemas daquele Luisitano Appollo, o Insigne Camões, de Jorge Monte-Mayor, de Gabriel Ferreira de Castro, & outros que nobilitaram a lingua Portugueza com a elegante consonancia de seus metros.

Nesta America, inculta habitação antiquamente de Barbaros Indios, mal se podia esperar que as Musas se fizessem Brasileiras, comudo quizeram também passar-se a este Emporio, sonde como a docura do açucar é tão sympathica com a suavidade do seu canto, acharam muitos engenhos, que imitando aos Poetas da Italia, & Hespanha, se applicarem a tão discreto entretenimento, para que se não queixasse esta ultima parte do Mundo que, assim como Appollo lhe communica os raios para os dias, lhe negasse as luces para os entendimentos. Ao meu, posto que inferior... de que é tão fertil este País, dictaram as Musas as presentes Rimas, que me resolvo expôr à publicidade de todos, para ao menos ser o primeiro filho do Brasil, que faga publica a sua vidade do metro... que o não sou em merecer outros maiores creditos na Poesia.

Por isso encolhido em minha desconfiança, & temeroso de minha insuficiencia, me pareceu logo preciso valer-me de algum Heroe, que me alentasse em tão justo temor, & me segurasse em tão recionavel recesso, para que nem a obra fosse alvo de calumnias, nem seu autor despojo de Zóitos, cuja malicia costu-

ma tyrranizar a ambos, mas por impulso da inveja que por arbitrio da razão: para segurança pois destes perigos solicito o amparo de Vossa Excellencia, em quem vêrem relevantes prerrogativas para semelhante patrocínio: por que se é proprio de Príncipes o amparar a quem os busca. Vossa Excellencia o é não menos na generosidade de seu animo, que na regalia de seu sangue, com cuja tinta trastou em Vossa Excellencia a natureza o exemplar das heroicas prendas de seus Illusterrimos Progenitores, de quem, como Agula legitima, não degenerou a Sun Sobefania: a Vossa Excellencia venera o estado do Reino por Conselheiro o mais politico pois assim sabe nele propor as difficultades, & investigar os meios. A Vossa Excellencia faz o nosso serenissimo Monarca arbitro dos negócios mais arduos, & archivio dos segredos mais intimos, repartindo, ou descansando em Vossa Excellencia, como em generoso Atlante, o grande peso de toda Esfera Lusitana; nella reconhecom a Vossa Excellencia por luminar, ou astro mui benficio, tantos quantos são os que participam das continuas influencias da sua grandeza, qual como logra propriedades de Sol, a todos alcanga com seus benignos influxos; assim o experimentam tantas viuvas, a quem Vossa Excellencia socorre compassivo, tantas donzelas a quem dota liberal, tantas mulheres que tem o titulo de visitadas, a quem se não visita sua pessoa, remedia todos os males sua munificencia, sendo esta em Vossa Excellencia tão fecunda, como o mostram outras muitas esmoladas, que por sua mão, fazem que o mundo am trigo & dinheiro todo o anno reparte por seu Esmolar, & Faroco, que são dous continuos aqueductos, pelos quaes permanentemente corre a fonte de sua liberalidade; a esta da Vossa Excellencia muito maiores realces, quando tão pia, & profusamente a exerce com o sagrado, ornando, & enriquecendo os templos, especialmente o em que foi baptizado, a quem consignou todos os annos copiosos congrus para seu culto, favorecendo com toda a grandeza as comunidades, provendo com lar-

ga mão as Religiões do que necessitam, como o confessas a Seráfica Família do grande Patriarca São Francisco, & dando aos Conventos pobres das Religiões vestriarias para todos, sendo a sua caridade como fogu que nunca diz basta para dar, em quanto actua necessidades que soccorrer; esta lhe conciliou a Vossa Excellencia o renome de Pai da pobreza, titulo entre os muitos que logra, o mais illustre, pois tanto o assemelha ao mesmo Deus, que por ser o summo Bem, sempre se está comunicando a todos.

Mas como nos astros não só há influxos, senão tambem luces, os brillantes reflexos das de Vossa Excellencia bem se viram em todos os tribunais deste Reino, que dordão os illuminados Zodiacos, donde giraram tanto tempo sous resplendores: aqui luxo a sua justiça com raios sempre directos, porque nunca houve causa, que pudesse torcer, nem ainda inclinar a sua rectidão: aqui brilhou o seu zelo com luces tão vivas, que nada pode diminuir a sua efficacia, nem resfriar o intenso de sua actividade, sendo em Vossa Excellencia este zelo tão geral, & prompto para todas as matérias tocantes ao bem do Reino, que por causa deste o levou no tempo presente dos tribunais aos exercitos, & da Corte para a Campagna, na qual se houvera mais, ou maiores ocasiões para a peleja, o admiraram todos vivo retrato daquele famoso Marte Lusitano, o Senhor Nuno Alvares Pereira, de quem Vossa Excellencia herdou o valor com o nome, e com o sangue a generosidade, & ficara conhecendo o Mundo como na paz & na guerra era Vossa Excellencia sempre Cesar.

Bem certificado estava de seu Marcial animo, & militar scienzia o nosso Sereníssimo Monarca, pois em sábado 4 de Outubro lhe encarregou o governo da primeira linha do exercito, para que dirigisse a marcha delle ao sitio, que se pretendia, empresa tão difficil em si, como pelas circunstancias para Vossa Excellencia gloriosa, porque obedecendo com prompto rendimento à Real Vontade, & encarregando-se com

(Continua na pág. 46)

**MUSICA
DO
PARNASSO
DIVIDIDA EM QUATRO COROS
DERIMAS
PORTUGUESAS, CASTELHA,
nas, Italianas, & Latinas.
COM SEU DESCANTE COMICO REDUSI-
do em duas Coradas.**

OFFERECIDA
AO EXCELENTISSIMO SENHOR DOM NUNO
Alvares Pereira de Mello, Duque do Cadaval, &c.
ENTOA DA
PELO CAPITAM MOR MANOEL BOTELHO
de Oliveira, Fidalgo da Caza de Sua
Majestade
LISBOA.

Na Oficina de MIGUEL MANESCAL, Impresor do
Santo Ofício. Ano de 1765.

PAGINA DOS AUTORES NOVOS

XXIV — HELOISA CARNEIRO LEÃO



HELOISA CARNEIRO LEÃO

Heloisa Carneiro Leão nasceu no Rio de Janeiro e é filha do professor Alberto Carneiro Leão e da Letícia Cintra Lima Carneiro Leão. Pertencendo a duas famílias de escritores, é neta de Antônio Carlos Carneiro Leão, poeta dos mais característicos do romantismo pernambucano, e de cujos versos demos, em nossa primeira fase, uma copiosa antologia; sobrinha, pelo lado paterno, de Antônio Carneiro Leão, diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, e pelo lado materno de Barbosa Lima Sobrinho, atualmente governador de Pernambuco (ambos da Academia Brasileira de Letras). Herdeira do entusiasmo com que se upa sempre se dedicou à cultura inglesa, exerceu-se ela desde cedo na poética dessa língua. Escreve seus versos com a mesma facilidade em português e em inglês.

Diplomada pelo Instituto de Educação, exerce atualmente o professorado em uma das escolas públicas de Jacarepaguá.

THE POEM OF HOPE

Today is the day
From which better days will come.
Let the other days, the past days die
In our memory.

All the ghosts will fade away;
They will vanish in the shadows,
The shadows will vanish in the past,
And the shadowy past is gone.

These sounds,
The desperate sounds
No more will resound.

Listen to them, in the desert,
Listen to the echo
And after a while the silence.

Listen to the storm in the air
See the rainfall
And after that the rainbow.

Oh, enjoy these moments of dreamy reality
Between sleep and awakening,
The twinkle between dark and light,
Between dawn and morning.
Peek on your face the warmth of the sunrise
In the coming days...

SAD BALLAD FOR A BOY

Poor boy.
He entered the dark room
where his mother lies.
She is dead, they said,
they said to him.
But what is death?
Everything seems confused and dim.
Poor boy.

Her face is pale,
her body stiff and cold.
She won't return, they told.

He wants to cry,
he doesn't know why.
They take him away,
They send him away
from where his mother lies.
Poor boy.

With the same eyes
that had looked at death
he sees outside the things of life
—The beautiful trees, the flowery gardens
and the butterflies.
He thinks of his toys,
of the other boys
with whom he plays;
he thinks of the way
he will spend the day.
Poor boy.

Eu bendigo esta mãe preta
Que quando o dia se deita
vem nossos olhos cerrar.

A noite é languida e bela,
Mesmo sem luar ou estrela,
Mesmo sem gestos de amor
é silêncio, esquecimento,
Descano para o tormento
O quasi nada... o terror...

Quando o sol se vai embora
Saudo-o e a terra chorar
Os sons da Ave Maria
Põe um bálsamo na alma
Traz o trânsito e a calma
As amarguras do dia.

E a noite eterna ao chegar
Talvez não faça encantos
Alguma imagem querida...
Talvez achemos o sonho
Enganador e risoinha
Que nos fugiu pela vida...

REFLEXO

Aguas! Quantas vezes contemplando-as me contemplo:
Limpidas ou turvas,
ásperas ou profundas,
crenhas ou tumultuosas
Conforme as mudanças do meu pensamento.

Aguas de rio a deslizar...
Arrastadas... na corrente impetuosa dos fatos que as
(conduzem)
A um mar angustiado de incertezas...

Aguas de ondas furiosas...
Revoltadas, a investir contra muros e rochedos,
Arrebentando... em estilhaços de espuma...

Aguas de oceano profundo...
paradas e dormentes...
Têm no âmago mistérios e abismos!

Aguas, aguas e mais aguas!
Clima substância que diviso nos pavorosos sonhos
Em que, constantemente, me vejo a naufragar.

DESPERTAR

Tu foste, o dono, o senhor belo e risonho
Do castelo de minha fantasia;
Prisioneiro da torre etérea e esguta
Que construi com mosaicos do meu sonho.
Olhei-te, contemplativamente,
Mas ao olhar-te, confesso, vi somente
O que dentro de mim havia, palpitar:
Inocência e pureza, e um desejo vibrante
De provar o amor, de embrigar a alma,
De sentir essa paradoxal mistura
De angústia e de esperança, de amar e de docura,
De delírio e lucides, de agitação e calma.

Mas ergui muito alto a minha ambição
E ela me regou: vi na noite o dia,
Em tudo senti, como os poetas, beleza e harmonia
E andei a tirar do nada motivos de ilusão.
Tu, porém, foste no amor como a criança
com um brinquedo do qual logo se cansa...

Passaste...
Em minha alma, triste só deixaste
Ebatida lembrança... como um som que soou...
Como subito clarão que deslumbrou, e passou...
Foste como o sonho das flores, em tria madrugada.
Trazendo o sopro da vida à rosa que dormia,
Despertando-a para a lux radiante do dia.

FUGA E ENCONTRO

Eu amo a solidão, o sossego, o silêncio.
É a quietude que inspira o pensamento.
O estar só, isolado do mundo,
É sentir um sentir mais profundo.
É poder reviver, em um breve momento,
Tudo o que já foi vivido,
E pensar novamente,
Tudo o que já foi pensado anteriormente.

É poder sonhar,
E, sonhando, realizar...
E poder fugir
E, fugindo, conseguir
O que se quis buscar...

A NOITE

Entediada da vida,
Cansada de tanta lida
Que é sempre um reencontrar,

AO POETA
Ó poeta!
Amo-te com este material e vago
Amor de um espírito, esteta
Deslumbrado
Diante da Beleza!

Quando o meu pensamento
Liberto por um momento
Da fixidez das ideias
Vai sorver nos teus poemas
Tua eterna fantasia
Ó, quanto, quanto se intraria!
Ó poeta!

Tu não morrest,
O que escrevest
A outros foi exemplo e inspiração...
E o seu talento criador
Sobreviveu nos teus versos
Perfeitos, belos, sentidos,
Que não são maus que gemidos
Do teu gênio safrador!
Ó poeta!

Sempre viveste
Num mundo todo teu!
Ou metade na terra
E metade no céu,
Trazeando para a terra as belezas de vinhos
Erguendo para os céus a tua queixa humana...
Hoje pairas tão longe...
Na era dura de materialismo
Não se faz ouvir o teu idealismo
Ó poeta!

Mas o teu sentir
Ainda pulsá em seu ritmo
E ainda encontra eco em outros corações...
E no fugir perene dos instantes
Caminha novas eras, novas gerações...
Tu refugiáis com eterna glória!
Ó eterno poeta!

Heloisa Carneiro Leão
Janeiro de 1949.

Fuga e Encontro

Eu amo a solidão, o sossego, o silêncio.
É a quietude que inspira o pensamento.
O estar só, isolado do mundo,
É sentir um sentir mais profundo.
É poder reviver, em um breve momento,
Tudo o que já foi vivido,
E pensar novamente,
Tudo o que já foi pensado anteriormente...
É poder sonhar,
E, sonhando, realizar...
E poder fugir
E, fugindo, conseguir
O que se quis buscar...

Heloisa Carneiro Leão
1949

Autógrafo de Heloisa Carneiro Leão

A VIDA DOS LIVROS

Manuel, Magdeleine Sophia Augustine — *Les forces du Langage*, Thesis présentée au concours de la Chaire de Langage et Littérature Française de la Faculté Nationale de Philosofie de l'Université du Brésil — Rio de Janeiro. 1948. 151 págs.

Mme. Manuel destacou-se, há longos anos, como um dos mestres mais sérios que a língua e a literatura francesa tem tido no Brasil. Os professores de língua são, na regra, síntomas de espíritos desprovidos de imaginação e de poesia. Preocupam-se unicamente com os rigidos preceitos da Gramática, com as inflexões leis da Filologia. Explique-se, por isso, facilmente o gosto que elas acutam por libertar no ântimo dos alunos, destes claros mestres que poderiam ser só simbolo uma dura paixão.

Mme. Manuel conquistou a admiração e o carinho dos alunos exatamente por personificar o oposto a esse tipo agressivamente professoral. Leitora de poetas, é como um efeito de poesia que ela encara o fenômeno literário. Para ela poesia deve existir o gramático; mas ele tem apenas uma função — a de registrar a criação inumerável e maravilhosa do poeta. Essa é a ponte de vista geral, o grande fundamento básico, sobre o qual Mme. Manuel construiu a sua tese intitulada — *Les Forces du Langage*.

São em resumidas as capitulas: em que dia dispõe esse seu interessante curso de estilística francesa? — O prestígio das palavras; a escolha das palavras; a construção das palavras; os opóneis; as metáforas; as imagens e as metáforas; a estilística. Seguem-se a Conclusão, na qual a metáfora chega à mediatação final do grande papel que no apertoamento dos homens e do mundo tem cabido sempre e tal de sempre caber aos poetas e aos escritores.

Pronto, assim toda, das experiências pessoais da escritora — experiências de mestra, provavelmente também experiências de poesia — um dos reais valores dessa tese consiste na novidade dos temas de que Mme. Manuel trata: novidade, ou pelo menos renovação. Um dos seus mais curiosos pontos é a teoria referente ao acento de insistência: "... a palavra isolada guarda sempre o acento legal desaparece, para dar lugar ao acento de insistência." E a professora mostra como em meio de um trecho oratório ou didático, a fadiga se observa em trechos como estes: *C'est un ridicule devenir; vous êtes un bandit; il l'aime infinitement; c'est impossible, Monsieur, impossible... frases em que as palavras ridículas, bandit, infinitement, impossível, por efeito da inflexão e da expressão, têm o seu acento deslocado, passando a valer como ridículo, bandit, infinitesimal, impossível.*

Na análise das Fórcas do Linguagem, dá Mme. Manuel um grande lugar à ironia. É sem dúvida por ironia que o Indú Chaima de Misericordioso e seu condescendente Clá, que o grego Chauta deusas benfeitas às suas tempestuosas Eumenides. Toda a linguagem, em certo sentido, é um jogo de ironia. E seria fácil mostrar como os animais mais estúpidos, mais daninhos, têm nomes mais doces. A *Belette — petite belle —* mereceu esse nome exatamente por ser um animal temido. O mesmo, *Barry de Gournot* dá esse animal como aquele que poderia ofenderce a mais curiosa direcção sématica. Como em tantos, ela tem línguas em outras línguas. Em inglês é a bonita, she's fair; em havaiano, a bonitinha — *schoenheitlein*; em dinamar-

quês, a bonita, *bjonne*; em sueco, a alegre, *leksalt*; em italiano e em português, a dona-paixão, — *donsola, domitila*; em espanhol a pequena comadre — *comadreja*. Em outras línguas ela é ainda a branca, a doce, a *norsinida*...

O mesmo fato se observa em todos os terrenos da linguagem. O desvio do dicionário reservado à pornografia é fechado em exemplos dessa ordem — que, é claro, não podemos transportar para aqui.

Na tese a que nos referimos há páginas especialmente eloquentes: aquelas em que Mme. Manuel nos mostra a extrema valorização que um poeta autêntico, um soberano artista, dá aos vocábulos mais inexpressivos. Vejam-se alguns dos exemplos que ela cita. — O verbo *mercher* pertence ao vocabulário familiar: "Il est terre à terre, si j'ose dire, il manque de sol; il a des pâtes". Toma-o uma poeta como Baudelaire e dá-lhe assa:

"Et comme un long linçell
l'entraînait à l'Orient.
Entends, ma chère, entends la
fidouie Nuit qui marche"
("Les Fleurs du Mal", p. 239).

A escritora mostra cases semelhantes com a palavra *figo*, tão sem graça, mas esplendidamente valorizada por Jean Racine; e mais com as palavras as expressões *grand-gros, chose, quelque chose, je ne sais quoi, etc.*, tornadas belas e como que tornadas novas pelos poetas e os propositores de velharia.

Um dos estudos que de certo modo merecerão mais carinhosa leitura dos poetas, é a parte referente às metáforas. A metáfora é talvez a mais poderosa das forças da linguagem, e ela é por assim dizer tida a liquidez. O grande sentido da poesia do primitivo, todo ele se acha nas metáforas. Homero e a Bíblia, pode-se dizer, são todos metáforas. Mme. Manuel refere-se a um índio do interior do Brasil a quem um engenheiro deu um espelho.imediatamente o primitivo batizou o objeto com uma metáfora encantadora: chamou ao espelho *espelho trouxido*. Como o primitivo, a criança ama a metáfora, exprime-se por ela. A escritora o viu um dia uma criança dizer:

— Mamãe, a onda tem bôca. Esta tese, ao que me parece, um simples fragmento de uma vasta obra de filologia, e estética para a qual a escritora vem há longos anos recolhendo material, para a qual ela já possui um arquivo de notas riquíssimo e preciosíssimo. Se estivermos em nossos alcances, exortariamo Mme. Manuel com todo o empenho, e com todo o entusiasmo a concluir o seu trabalho. Ela tem o raro valor de ser pessoal e de ser novo. E depois, — como dizia um ilustre professor de Sorbonne que examinou Mme. Manuel no recente concurso da Faculdade de Filosofia — são poucos, são muito poucos os mestres sorbonistas que escrevem com a graça, com a firmeza, em uma palavra, com o estilo com que ela escreve.

*
Mai, Pedro Luís — *Delírios* — Rio de Janeiro, 1948. 70 págs.

E' um livro de poemas modernos, a estreia evidente de um autor. Advinhamo-lo muito moço, adolescente talvez, ansioso ainda, na procura dos

caminhos em que anda perdida a sua poesia. Ele próprio no-lo diz, quando convida a sua poesia, maguado pela alheia maleficência, a vir chorar deborada em seu ombro.

Eis um dos poemas que podem ficar servindo como uma síntese da intuição poética do autor:

SER LIVRE

Ser Livre!
Livre da imobilidade,
Livre dos movimentos;
Livre do tempo,
Livre do Espaço;
E fora das três dimensões.
Além dos cinco sentidos,
Ser livre da Vida e da Morte!
Ah! Ser livre de Todo!

Mussolini, Raquel — *Minha Vida com Benito* — Coleção Meridional, 8 — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1948. 331 págs.

Enquanto na Itália se representou a ópera tragédica do Fascismo, houve na família de Mussolini uma figura que mereceu o respeito e a consideração de toda a gente, mesmo dos adversários mais feroces do criador daquele regime: foi D. Raquel, a esposa do Duce. Casada com o chefe de Estado, com as palavras *enchantedly, ravissement, rapture*, tão belamente valorizadas por Ana de France; e mais com as palavras as expressões *grand-gros, chose, quelque chose, je ne sais quoi, etc.*, tornadas belas e como que tornadas novas pelos poetas e os propositores de velharia.

Contemplado de longe a evolução da carreira de um homem como Mussolini, só o que vemos é aquilo que os propagandistas oficiais — os dos diários e os dos cinemas — nos contam. De Mussolini o que vimos e o que ouvimos era um sujeito frágil, inémodo e cheio de ameaças para o mundo: eram os seus veementes discursos troados em praças públicas: eram as inqualificáveis cenas filmadas pelos cinematografistas em que ele aparecia nas possíveis más insinuações. Lembramo-nos, por exemplo, de certo jornal cinematográfico em que ele aparecia numa colheita na região da Marena, nua da cintura para cima, trabalhando como um operário no lado dos outros operários...

D. Raquel deixa de lado esse grande homem contado por jornalistas e cinematografistas para os efeitos de impressionar as multidões, e mostra-nos um Mussolini familiar, quase sempre afetuoso, sempre simples e humano.

Nascida em 1892 na aldeia de Predoppi, na România, ela era des anos mais moça do que Benito. Filha de modestos camponeses, nada indica que o destino haveria um dia de jogar-lhe em um dos maiores palcos políticos do mundo. Na idade em que curava o segundo ano primário, ela mudou-se para Dovia, e ali foi cursar a escola de uma professora chamada Rosa Maltoni Mussolini, esposa de Alexandre Mussolini, um ferreiro socialista que vivia metido em constantes incidentes políticos, e mãe de um jovem aluno da Escola Normal de Pernambuco, Benito, o qual, nas férias, auxiliava D. Rosa no estudo. A pequena Raquel, como as demais alunas de D. Rosa, sentiu-se desde logo fascinada pelo jovem — "Magnífica" (como ela confessa) pelo

fascínio de seus olhos negros e cintilantes."

O rapaz também notou aquela menina loura, de longas tranças, e mais tarde, quando a encontrava por acaso, demonstrava-lhe carinho e ternura. Afinal, o que era um imperativo do destino e da vida realizou-se: e D. Raquel foi viver com Benito. Tinham elas o plano, nessa ocasião, de emigrar para a América, e isso era visto com grande simpatia pela moça, aterrorizada pelas complicações políticas em que via seu marido cada dia mais enredado. Em 1910 — 1 de setembro — nasceu ao jovem casal a primeira filha: a pequena Edda, que veio a ser a esposa do Conde Galeazzo Ciano, e que tão saliente papel teve na última fase do Fascismo. E' dessa fase a vigorosa afirmação da jornalista de Mussolini no *Avanti!*: conta-se (conta D. Raquel) que recebendo esse jornal com uma tiragem de doze mil cópias, ele a levantou para trinta mil, para cinquenta mil, para cem mil.

Vai vivendo o jovem par (agora legalmente casado) e vão-lhe nascendo os filhos: depois de Edda, Breno, e Vítorio, e Romano e Ana Maria.

E vai sobrevindo as grandes datas do partido que Mussolini cria: é de 23 de Março de 1919 a criação dos *Fasci italiani di combattimento*, cujo programa era "nidicamente socialista, revolucionário, patriótico e nacional"; e no fundo se destinava a servir como uma bandeira de combate contra o Tratado de Versalhes. Um dos companheiros de Mussolini, nesse momento, é d'Annunzio. Lembra-se o bilhete com que o poeta anuncia ao amigo, a 11 de Setembro de 1919, a sua intenção de agir como guerreiro: "Querido amigo: o dado foi lançado. Parto agora. Amanhã peço a minha Flume pelas armas. Quero o Deus da Itália proteger-nos. Levanto-me de cada febre mas não posso adiar. Ainda uma vez o espírito há de dominar a carne miserável. Faça um resumo do artigo que será publicado pela *Gazzeta do Popolo*, publique o final na íntegra, e apóie vigorosamente a causa durante o conflito. Abraço-o e seu Gábris D'Annunzio".

De 30 de Outubro de 1922 é a vitória do Fasismo, com a ascensão de Mussolini à chefia do governo. Contou-se que, naquele dia, ao se apresentar ao rei, Mussolini cantou uma de suas mais belas árias.

— Magestade, trago-vos a Itália de Vítorio Veneto!

D. Raquel refere-se a esse episódio, e diz que Mussolini tratando dale, declarou que se tratava "de uma ampliação reitora".

E' de Junho de 1934 o pri-

meiro encontro de Mussolini com Hitler. Discípulo do Duce, o chefe da Alemanha nacional-socialista tinha por ele a maior admiração. Em seu escrito na Casa Branca de Munich, havia apenas um retrato de Frederico II e um busto do Duce. Viram-se os dois em Veneza, e a impressão de Mussolini não pareceu ter sido boa. "Hitler falou muito e frequentemente em tom violento, veemente, manifestando intenções agitadas. E' um homem que se controla com dificuldade. A entrevista terminou sem nenhum resultado".

Mussolini está em pleno apogeu político, e domina a Itália e talvez o mundo. Ele já o tempo em que ele é o Império reconstituído e ele o Augusto de um mundo ainda mais belo do que o mundo antigo.

Mas ainda nessa hora de fasto e orgulho, há traços rardados por D. Raquel que são incontestavelmente simpáticos na figura de Mussolini: sua reclusão de receber os títulos de nobreza que o rei lhe quis conferir, o teor de modéstia que ele manteve sempre em seu lar.

Um desses traços será interessante referir aqui. Relata D. Raquel que quando Edda chegou aos 18 anos, enamorou-se dela um jovem filho de industrial romanhão Orsi Mangelli. Uma tarde, o namorado da "moga" foi à casa de Mussolini para pedir a mão de Edda e perguntou no pal qual era o nome da filha.

— Dote? respondeu admirado Mussolini. Minha filha não tem nome, é como eu.

Por essa razão não se realizou o casamento dela com o rico Mangelli. Mais tarde é que veio Ciano, que naturalmente não tratou de dote, contentando-se com um cargo diplomático na China, enquanto preparava o caminho para o Ministério das Relações Exteriores...

Os dias vão caminhando implacavelmente, e já agora os destinos de Mussolini estão ligados definitivamente aos de seu perigosíssimo amigo. Fazem o chamado "pacto da aguia", mas parece que Mussolini tem a esperança de manter a Itália fora de uma guerra que a Alemanha venha a deflagrar. Quando os alemães marcharam contra a Áustria em Março de 1938, D. Raquel recolheu da boca do marido estas expressões desalentadoras: "Abandonar os aliados de ontem é-me ainda doloroso, Raquel. Mas há a nobreza da formidável potência militar alemã e há a história que avançou contra a vontade dos homens. Aquilo que acontece hoje poderia ter sido evitado se nossos amigos do ocidente tivessem compreendido o meu gesto de quatro anos atrás. A Europa

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Lello

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Crs 60,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 68 — 2.º andar. Fone: 42-5823.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone: 22-9981, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 22-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farías.

NÚMEROS ATRASADOS: — Volume IX em diante — nos dois últimos pontos acima e na redação. Volumes anteriores (primeira fase) — somente na redação.

A VIDA DOS LIVROS

deve unir-se e seria o ideal pode-la unir pacificamente. Mas há muitas resistências, muitos nacionalismos acesos, e, portanto, a união europeia só se tornará realidade por um feito militar. Tenho esperanças de limitar o feito militar ao mínimo, a fim de que sirva para convencer os chefes dos governos europeus de que Europa deve unir-se econômica e politicamente num bloco sólido, que constituirá a única defesa valiosa contra o bolchevismo."

Mas a vida é inflexível e não pode desviar o rumo das coisas. Ligado a Hitler, Mussolini teve a glória das primeiras vitórias ilusórias, teve depois a desilusão das malas amargas e ações derrotas.

Seus últimos tempos, narrados com tanta simplicidade por D. Raquel, são realmente amargos e tristes. Ele se vê abandonado, dia a dia, dos amigos mais fiéis, e isso não somente no círculo político, mas também no círculo das relações de família. E traído inclusive por Ciano, seu genro, seu filho pelo estúpido e pelo coração. E depois — adivinhavam — que se iria imensa de humilhações não teria sofrido dos grãos senhores do fascismo, à proporção que a Alemanha reafirmava o seu espírito de luta, à proporção que a Itália reafirmava o seu espírito de paz? Por fim, doente, vítima de graves intrigas junto ao rei, ele está aniquilado de todo. Sua última mensagem para D. Raquel é um documento de absoluta resignação com a derrota e até com a morte. Ela como Mussolini se despediu, a 27 de Abril de 1945, na Véspera de ser massacrado, de D. Raquel e dos filhos: "Querida Raquel, ela que cheguei à última fase de minha vida, à última página da meu livro. Talvez nós dois não nos tornemos a ver, portanto escrevo e envio a você esta carta. Peço perdão por todo o mal que, involuntariamente, lhe e ausei. Você sabe que foi a única mulher que verdadeiramente amei. Juro-o diante de Deus, do nosso Bruno neste momento supremo. Você sabe que nós ir-

mos que ir a Valentina. Procure alcançar a fronteira suja com as crianças. Ali construirei uma nova vida. Penso que não lhe recomendar a passagem, porque ou ajudem em todos os circunstâncias e porque vocês estão afastados da política. Se não se der isso, vocês deverão apresentar-nos aliados que talvez sejam mais generosos que os italianos. Recomendo-lhe Ana e Romano, principalmente Ana que tem tanto necessidade. Bruno, do céu, velejar por nós. Beijo-a abraço-a junta com os meninos. Benito. Como, 27 de Abril de 1945. XXII E.F."

Acérca de alguns assuntos que, para a reconstituição da Vida de Mussolini, têm uma enorme importância, D. Raquel não se detém; passa por elas a col. d'escritor, e não lhes dá nenhuma atenção maior. E assim o idilo com Clara Petacci, a pobre mulher que foi massacrada com ela, cujo corpo foi com o dele pendurado em uma praça pública. D. Raquel vé naquele idilo um episódio sem nenhuma importância na vida sentimental do Duque (que fôr de tantas outras); e adivinhamos que o seu desejo seria passar para a posteridade uma espécie sobre o nome e a vida de Clara.

O livro de memórias de D. Raquel Mussolini é, no fundo, dos mais dolorosos livros que ainda lemos. Ele nos mostra o nada definitivo e irremediável das mais soberbas grandezas humanas. Pois é possível que de um homem como Mussolini, o super-rei da Itália, um dos donos dos destinos do mundo em nosso século, ignorem os filhos onde jazem, os seus miseráveis restos, para no menos levá-los uma flor de saudade e piedade?

Virgílio — Geórgicas. Eneida. Traduções de Antônio Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes. Prefácio de Nelson Romero. — W. M. Jackson Inc. — Rio, s.d. (1948).

A casa Jackson resolveu, como se sabe, organizar uma

grande coleção de vinte das maiores obras que ilustram e dignificam o espírito humano, coleção essa que recebeu o nome de Clássicos Jackson. Em tal coleção acham-se representados todos os grandes momentos da história literária do mundo: a Grécia ali se acha representada pela Crisopéia de Xenofonte, Roma por Virgílio, Horácio e Ovídio, etc. O nosso Brasil ficou fazendo parte da coleção, representado pela Vida do Padre Antônio Vieira, de João Francisco Lisboa, e pela Minha Formação, de Joaquim Nabuco. E ainda indiretamente por algumas traduções ilustres, como por exemplo a da Eneida, feita por Odorico Mendes.

Já que falamos em Eneida e já que acabamos de falar na Vida do Padre Vieira, lembraremos um trecho que a tantos séculos de distância no tempo, a uma distância tão grande no espaço, liga e aproxima essas duas obras. Ambas foram deixadas incompletas pelos seus autores. Ambas trouxeram por isso uma condenação ao fogo. Ambas foram salvas pela piedade de críticos inteligentes, que receberam a incumbência de examiná-las antes de serem cumpridas as ordens dos autores. Ambas ficaram constituindo horas primas das literaturas a que pertencem.

Desse volume referente a Vir-

gilio (que é o terceiro da coleção Clássicos Jackson) fazem parte as duas versões famosas — a de Antônio Feliciano de Castilho e a de Manuel Odorico Mendes. São ambas consideradas monumentos da linguagem portuguesa. A primeira tem sido escusada (como todas as traduções de Castilho) de fugir ao original virgiliano. Mas, embora seja, é um perfeito modelo daquela elegância de estilo, daquela primor de linguagem, daquela imensa riqueza de vocabulário, que tanto singularizaram o poeta e crítico português, dando-lhe incontestada preferência entre os escritores considerados clássicos de seu país. Quanto à tradução de Odorico Mendes é da mesma forma considerada um belo modelo do gênero.

Melo, Leopoldo Cunha — Tribunal de Contas. Pareceres do Dr. — Vol. III — 1948. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. Brasil — 276 págs.

O Sr. Leopoldo Cunha Melo, advogado na Capital da República, ex-senador pelo Amazonas exerce, desde alguns anos, o cargo de Procurador do Tribunal de Contas. Ali se contacta com os assuntos mais importantes da administração pública, vem ele se revelando um

jurista de opinião aceitada, cujos pareceres firmam doutrina, na importante corporação diante da qual são exarados.

Dá agora o Sr. Leopoldo Cunha Melo o terceiro volume dos seus Pareceres. Abrangendo trinta e oito trabalhos, versa o volume temas relevantes de vários ramos jurídicos — todos os vários e complexos ramos que formam a majestosa árvore do Direito Administrativo.

Cada um desses trabalhos, de per si, constitui verdadeira monografia acerca do assunto de que trata, uma monografia, é claro, reduzida às suas linhas essenciais, onde porém a boa doutrina é exarada, onde boas fontes são apresentadas e discutidas, onde qualquer propósito de chicana é posto a nu. Estão nesse caso, por exemplo, o estudo acerca da acumulação das penas do Montepio Civil e Militar (p. 21); a análise do artigo 177 da Constituição de 1937 (p. 82); o estudo acerca do aumento de proventos de aposentadoria (p. 123); o estudo sobre as Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional (p. 230); o estudo acerca da autonomia da Universidade (p. 257). — Acerca do artigo 177, tem o Sr. Cunha Melo uma observação, que, pela malícia (Continua na pág. 47)

Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 457
Única recebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e exterior

ARMAZÉNS PRÓPRIOS PARA RECOLHIMENTO: AS
RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 112

Capital subscrito Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva Cr\$ 986.466,70

R E C I F E — P E R N A M B U C O — B R A S I L
Endereço no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 8-8/361
Em São Paulo: — Rua Álvares Faria, N.º 180 a/569

O ano passado registrou a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

A nova Diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim constituída:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luís Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Coetano de Britto, Diretor; Manuel Marinho, Diretor.

CONSELHO FISCAL — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Léodoro Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Alfonso Freire e Knock Maranhão.

"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 18.^a

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares



2
ROMANCES
EMPOLGANTES
de
Lidia Besouchet
"CONDICAO DE MULHER"

Uma arrojada sondagem no labirinto da alma feminina, num romance corajoso escrito por uma mulher corajosa. O maior êxito editorial argentino do ano passado. — Cr\$ 30,00

"O MESTICO"

História de um mestico carregando o pesado lastro de dois sangues no drama poderoso de uma raça cruzada que luta para encontrar sua verdadeira condição. — Cr\$ 45,00

2 — GRANDES EXITOS — 2

AMBIGUOES
DESCONFREADAS

no
romance sensacional
de
Taylor Caldwell

"A DINASTIA DA MORTE"

Uma grandiosa cavalgada através dos tempos que nos faz lembrar como arquitetura geral e amplidão de cenários, o famoso "E o vento levou". Impressionante história de uma gigantesca corporação industrial e seus tremendos reflexos na psicologia humana.

DINHEIRO E AMOR
num conflito palpável de emoções.

Cr\$ 75,00

Pelo Reembolso Postal
IPÉ - Cx. Postal, 5521
São Paulo

Nome

Título

Endereço

Cidade



NOTAS À EDIÇÃO DAS "POESIAS COMPLETAS" DE RAIMUNDO CORREIA, ORGANIZADA POR MUCIO LEÃO

TOMO I

Pg. 5 — "No momento em que entreguei nos livrarias o conjunto, tanto quanto me é possível pensar, completo, das obras poéticas de Raimundo Correia..."

A coleção de "Poesias Avulsaas" também uma pequena peça "Bráhia e Cílio" da "Forças", publicada sem título e com a mesma intenção do poeta em "Almanaque da Vassoura" para 1886, p. 2, ano 5, 318. O índice desse sinônimo esconde a autoria de R. Correia. Ela:

Bráhia e cálices de rosas,
Floradas, mungos, vioças...
Lembra-me os meus ideais
E mais formosa das formosas.

Toucias e carnes deliciosas.
E talvez... Tudo me lembrais.
Bráhia e cálices de rosas.
Floradas, mungos vegetais...

Aquelas pomadas graciosas:
E aqueles lábios, pelos quais
Socorro a desfazer-me em nós...
Tudo lembrais, flores vírginas.
Bráhia e cálices de rosas.

R.

Pg. 11 — Da o ano de 1924 como o de reaparecimento da 4.ª edição de "Poesias" de 1892 como aliás está à pg. 20.

Pg. 11 — "Blasco" não tem dividido em identificado como de Eusebio Blasco as três versões de R., acompanhadas da respectiva tradução Blasco. Isso porque, procedendo a R. no transplantar para o nome Blasco uma peça de Blasco, foi Lucindo Filho, seu grande amigo de Vassouras, mais preciso na indicação da fonte, uma vez que no nome patronímico do grande espanhol não se esqueceu de apô a inicial do respectivo prenome. ora, se há outros poetas de nome Blasco, só um existe cujo prenome concorda com E. e é justamente Eusebio Blasco (1844-1903), autor de "Soledades", 1876, e "Poemas Festivos", 1880, obras essas que infelizmente não se encontram na Biblioteca Nacional. A versão de Lucindo Filho aparece à pg. 78 de sua obra postuma "Flores Exóticas", 1873, e é anterior a 1921, como as demais ali contidas, que já haviam sido divulgadas pelo Município de Vassouras. Conheço mais dois tradutores de Blasco: Carlos Coelho, que verteu "Lição de Anatomia", "Ritornello" (é a mesma poesia traduzida por R. sob o título "Nascer, morrer"), "Homen de Amor" — Hontom... Hoje" (é a mesma peça traduzida por Luciano Filho) e "O Passaporte — A Rosa" (V. Pires, 1.ª ed., S. Paulo, 1896 e "Poesias", 1.ª ed., Paris-Lisboa, 1901); e Adherbal de Carvalho, que traduziu a mesma "Lição de Anatomia" (V. Versos de um diletante, Liv. Garnier Irmãos, Paris, 1911, p. 259), como já o havia feito Escrivande Ducha (V. Rua do Ovidor, 18-7-1901). A exceção de Lucindo Filho, os demais tradutores limitaram-se à indicação Blasco.

A mesma pg. 13, referindo-se à outra tradução de Blasco, feita por R. Doria, diz, quanto à data da sua publicação: "Quero que de 1901?", quando a data exata é indicada à pg. 402 do 2.º vol., nota 23.

Pg. 67 — Da o nascimento de Anacreonte em cerca de 563 a.C. e, no Tomo 2º, pg. 413, nota 56, em 560 a.C.

Pg. 84 — O soneto "Ixion" tem um fecho à maneira de Luiz Delfino em, o. ex., "Cavatina" (V. "Altas e Baixas", pg. 119):

"Tu me perguntas se isto é belo
e eu echo".

Pg. 127 — Soneto "Amiltecer". Alberto Torres, segundo me disse Carlos Pontes, gravava de recitá-lo, achando aquela imagem da "pálpeta do dia" só comparável à dos "dedos da aurora", em Homero. Almas, Luiz Delfino já havia dito ("Poesias Líricas", pg. 139):

"Agora quando o sol surgiu de novo
Entre a pálpeta imensa do horizonte..."

Pg. 127 — "Despedidas". Publicação anterior à da Estação: "Almanaque Fluvinense" para 1894, pg. 83. Os dois versos finais lembram os de Stecchetti, na Páginas, n.º XIV:

"I cansei che pensai ma che non sorrisi,
Le parsi d'amor che non ti dissi."

Pg. 150 — "Plenilunis". De Alberto de Oliveira, cuju o mesmo Carlos Pontes

que trocaria toda a sua obra por esse poema, apreciando, sobretudo, aquele "astro dos loucos, sol da demência", da 3.ª quintilha.

Pg. 176 — "Antologia das tradutores". E' "Antologia de Tradutores" e foi publicada em 1923.

Pg. 243 — "Um trecho de Heine" — Publicado em "Almanaque do Vassourense" para 1887, pg. 239.

Pg. 275 — Outros tradutores de "Les Colonies", de Gauthier:

a) Manoel Benício Fontenelle, Recreios Poéticos, Rio, 1855, pg. 123;

b) Arthur de Azevedo (soneto) in "Notícias", 3-6-1857;

c) Tiago Guimaraes in Laudelino Freire, Sonetos Brasileiros, Rio, 1904, pg. 296;

d) Álvaro Reis, Musa Francesa, Bahia, 1917, pg. 20;

e) Nelson de Carvalho in "Correio da Manhã", 26-1-1941.

Pg. 282 — Precisar a fonte: Les Quatre Vents de l'Esprit, tomo 2º, liv. 3, n.º XXXV.

Pg. 301, nota 18 — O Dr. de Veijo Sober, tomo I, pg. 142, registra o nascença de Alberto Silva em Sete Pontes, logarço de São Gonçalo, Est. do Rio, e não em São Lourenço.

Pg. 319, final da nota 21 — Indicar a fonte: Autores e Livros, 16-7-44.

Pg. 315, nota 25 — "Os Argonautas" de Almeida Raimundo, tradição Les Colôquios:

a) Freitas Guimaraes, Fuga das Horas, 1911, pg. 118 e Ainda... e Sempre, 1941, pg. 91 (com modificações);

b) Álvaro Reis, Musa Francesa, 1917, pg. 50;

c) Gustavo Barroso, Jornal da Comerçio, 13-9-1936;

d) Carlos Sá, Correio da Manhã, 14-1-1940;

e) Manoel J. Silva Pinto (adaptação), Falha do Comércio, de Campos, 28-10-1943.

Francesca Julia tem um soneto com o mesmo título, mas não é tradução de Heredia.

TOMO II

Pg. 62 — "O Amor" (V. Hugo). E' de Les Voix Intérieures — Les Hayas e Les Ombrées supriria a primeira indicação porque a peça transcrita é do segundo livro, n.º VI e, já que cito a página, reportar-se à ed. respectiva.

Pg. 329, nota 13 — Precisar: Les Contemplations, tomo I, lit. 2.º, n.º XXVII.

Pg. 333, nota 19 — Indicar igualmente a edição das Contemplações, da que cita a pg. 253. E' de tomo I, liv. 3.º, n.º XIV.

Pg. 396, nota 22, infine — Precisar com o nome do autor a indicação da obra, cit.

Pg. 402, nota 33 — Transcrever a versão de Carlos Coelho, incluída, sob o título "Riornello" in Piscoses, S. Paulo, 1896, pg. 9 e Poesias, 3.ª ed., Paris-Lisbon, 1901, pg. 9. E' a seguinte:

Pg. 264, nota — "Publicação anterior" — "A Semana" (28 de fev. de 1887). Foi reproduzida na mesma periódica em 28-7-1894.

— Corrigir a referência ao n.º de "O Sono de Leão": é CVIII e não CXIV.

Pg. 275 — "Verbo Liberdade". Publ. no Alm. do Vass., 1888.

Pg. 294 — "Mota e despeito". Acrescentar à nota... e Alm. do Vass., do mesmo ano.

Pg. 361, nota — Publ. no Alm. do Vass. 1887, pg. 252, com as traduções de Rodolfo Leite e Lucídio Filho. São estas:

Do primeiro:

Mil vezes o bate confia nos ventos,
Nem uma o curva! as raposas:
Da constância elas são mais inimigas.
Que as ondas nos marulhos turbulentos.

Do segundo:

O teu frágil batel confia nos ventos,
Mas não confies à mulher mais pura.
O coração: — a onda é mais segura.
Que os volúveis feminos juramentos.

Pg. 364, nota 18 — Acrescentar: Publicação anterior — Alm. do Vass., para 1884.

Pg. 368, nota — Acrescentar publicação anterior — Alm. do Vass., para 1888, pg. 34.

Pgs. 371 e 372, notas: Rayval... Rayval.

Pg. 388, nota 8, in fine: Onde está Les Voix Intérieures — Les Hayas e Les Ombrées supriria a primeira indicação porque a peça transcrita é do segundo livro, n.º VI e, já que cito a página, reportar-se à ed. respectiva, porque há várias.

Pg. 393, nota 13 — Precisar: Les Contemplations, tomo I, lit. 2.º, n.º XXVII.

Pg. 396, nota 19 — Indicar igualmente a edição das Contemplações, da que cita a pg. 253. E' de tomo I, liv. 3.º, n.º XIV.

Pg. 398, nota 22, infine — Precisar com o nome do autor a indicação da obra, cit.

Pg. 402, nota 33 — Transcrever a versão de Carlos Coelho, incluída, sob o título "Riornello" in Piscoses, S. Paulo, 1896, pg. 9 e Poesias, 3.ª ed., Paris-Lisbon, 1901, pg. 9. E' a seguinte:

RITORNELLO
(Blasco)

A pérola nasceu no fundo do oceano...
A violeta azul sobre o rochedo ru...
nas nuvens cheia de opala a gota de sereno.
A pérola nasceu no fundo do oceano...
e nos meus sonhos — tu.

A pérola nasceu no rego diadema,
em vaso primoroso a flor que emureceu,
em lucido vapor a gota do sereno.
A pérola morreu no rego diadema...
e em tua lembrança — eu.

Pg. 402, nota 34 — Autre Guitare. Indicar que é de Les Rayons et les Ombrées, n.º XXIII.

Pg. 403, nota 36, in fine — (Contemplações, Vol. I). Precisar: liv. 2.º, n.º VII.

Pg. 408, nota 41 — Indicar que a peça transcrita é de Les Châtiments, liv. 7.º, n.º I.

Pg. 408, nota 47 — Joaquim Serra faleceu em 1888.

Pg. 411, nota 54 — "Poesia francesa, nascida na Ilha de Bourbon". Acrescentar: em 1818.

Pg. 415, nota 59 — "Les Quatre Vents de l'Esprit". Precisar: Tomo II, n.º 47.

Pg. 416, nota 62 — Precisar: Contemplações, tomo II, liv. 5.º, n.º XVII.

Pg. 418, nota 64 — Indicar a que livro de Chateaubriand pertence a pág. transcrita. Não é de Les Natchez, como supunha. Deve ser de Atala, René ou Voyage en Amerique.

Pg. 423, in fine — Suprimir a indicação Chants du Crepuscule, porque a peça transcrita é precisamente de Les Feuilles d'Automne, n.º X.

Pg. 443, in fine — "Toute la lyre". Que tomou?

Pg. 447, nota 93, in fine — "Opalas", pg. 173. De que edição? Conheço a de 1905 e a de 1923, que é a?

Pg. 447, nota 94, in fine — "Livro V". Acrescentar "cap. XI".

Pg. 463 — CXXVI. "Na taza", em vez de "Na terra".

Nos dois Índices, para destacar as poesias traduzidas das originais, indicar quanto às primeiras, entre parênteses, o nome do autor. Nas notas finais dos dois volumes indicar, para facilidade da consulta, ao lado do título, a página a que se reporta.

P. S. — Li no último número de Autores e Livros a sua bela tradução de "A Violeta", de Goethe. Já a conhecia do híbrido de João Ribeiro sobre Goethe. Híbrido outra de Luiz Delfino em Poesie Absoluta, 1941, pg. 37. A propósito de João Ribeiro: VI no Anuário do Est. do Rio Grande do Sul para 1888 uma versão assim assinada, de Os Intérpretes, do poeta alemão Castell (?), e a mesma que figura em Versos, com a indicação Castello. Sabe informar que poeta é esse? — E. Tavares Bastos.

Rio, 23 de Dez. de 1948.

Prezado Sr. Mário Leão.

Em aditamento às notas que lhe enviei ontem, sob registro, posso agora informar que a página de Chateaubriand em que se inspirou Raimundo no soneto "O túmulo aéreo" consta do epílogo de Atala. Não dei por ela, nem duas coletas que "mulo aéreo" consta do epílogo de Atala consultei, porque, em ambas, começa o trecho por Elle se leva... e não La jeune mère se leva, como figura na transcrição. Em se tratando de simples trecho de capítulo, o original não traz título, o que faz supor tenha sido colhida a página em alguma antologia, como Beautés de Chateaubriand, Moreaux choisis, etc., onde, então, se justificava o de Les tombes aéreas.

Não encontrei nos três volumes de Tou-te la Lyre, da edição que posso, nem nos dois volumes da edição de 1888, que também consultei, a poesia L'Epopeia da Ven, verida igualmente pelo poeta das Sinfônias. Se houve engano na referência, como parece, qual a fonte exata?

Com os melhores votos de bons festas e feliz ano novo.

Patrício nro. e admirador:

C. Tavares Bastos.

SONETO

Da cor da cinza os tristes olhos tinha,
Da plumbéa cinza de passado ardor.
Tão diferentes de quando era minha
Agora, morta, foi-se-lhes a cor.

Os lábios, que aos meus unidos tinha,
Na febre ardentes de um ardente amor.
Estão sozinhos já que está sozinha
A boca que está morta. Agora... a dor

A dor sagrada que venero e que amo
Elo que á terra prende a sua imagem
A dor que é a Musa e a propria Poesia.

E assim vivendo a dor que a mim reclamo,
Versos vertendo, lágrimas rolando,
Vou aumentando o amor com que a queria

Sergio Vellozo

Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

XXX

Gênova, 10 junho (1903)

Meu caro Dr. Graça,
Envio-lhes os nossos sentidos pésames. Helô! a vida é isso mesmo, não é? És continuamente sobre os que têm coração.

Meus ouvidos não vão bem, e estou resolvido a ir à Viena, para, quando mais não seja, trazer um atestado de invalidez à força de trabalhar para o país. E' o caso do Inglês do Amaral que pretende ter surdecedido por causa dessa mesma questão, queixando-se dos fios de Sinanças e Sevilha. Como o Sr. ainda não viu Viena, devo dar-lhe a preferência, desde que não viجو sem um Secretário por causa dos trabalhos. E levo trabalho! Não sei se lhe conviria o passeio. Se tem que ir a Carlshad, era meio caminho andado, mas me parece cedo para Carlshad. Eu não poderia infelizmente indicar-lhe senão das passagens por conta do Estado. Desses modo sua despesa cresceria com a viagem, e por isso não me parece uma proposta de amigo a ofertá-la que lhe faço, ou a preferência que lhe dou.

Tenho imenso trabalho, ainda a fazer, e nem o Sr. consegue que a gente de Paris anda sem feitor. Não sei como o poderá dispensar lá, sua saúde permitindo a simples fiscalização, e o clima. Essa viagem a Paris será (as despesas de passagem, suas e da família) por conta da verba, se lhe convier o arranjo. Sinto não poder pagar sendo as passagens e alguma pequena diferença. Não temos que esperar grandes larguezas e o estudo do nosso orçamento, com as contas de impressão da 2.ª Memória e 3.ª e mensalidades, é pouco animador.

Quanto a mim como ir a Carlshad? As águas enfraquecem, e eu preciso ganhar forças cada dia até ao fim da 3.ª Memória. Depois descansarei.

Pedi no Barros Moreira que me visse quais são os seus planos e desejos para eu na medida em que o puder fazer, ir ao encontro deles. Já o imaginei cortando as amarras e fazendo-se ao largo. O que lhe posso dizer é que só tenho um desejo: que tudo lhes aconteça do modo mais feliz possível. O que em escrevi ao João Ribeiro, ao nosso "esparpilhado", não lhe teria escrito, porque ele é um solitário, o Sr. um agremiador; ele um ausente, mesmo lá, o sr. um presente, mesmo de cá; e o meio de que um careca diverso do meio de que carece outro; ele precisa ser corrigido, com a alma estrangeira, pela atmosfera brasileira; o sr. com a alma brasileira, precisa ser dilatado pela atmosfera geral. Demais tudo isso que fazemos parece um tour de force. Comitê falando do meio não príncipio no imigrante, filho ou neto de imigrante. Que alma tem eles e de que meio precisam? Do meio do antigo tronco ou do meio do novo enxerto? Melhor supõe, na evolução, longas séries anteriores, muitas camadas de estratificação.

Até quando?

Do seu mi. dedicado
J.N.

Telexograma de 22-6-03

Nossos sentimentos pésames falecimento seu cunhado — Nabuco.

XXXI

Meu caro Dr. Graça.

Vejá o atestado que o Gouveia lhe dá. Teria sido pensado que eu estou ansioso por causa do meu lugar-tentente, quando o estou pela estréita do prazo à vista do mundo que temos que tirar do prelo? Dos meus sentimentos a seu respeito, e da felicidade que sinto em o haver tra-

zido comigo, não lhe direi nada. Não desejava, porém, para o Sr., a espécie de trabalho que me tocou, e de cuja ardor me prova mesmo a minha primeira Memória. Por isso não o imaginei nunca fazendo o que faria o Ramiz Galvão. O Sr. é nesta questão uma parte de mim mesmo, e ambos nós que fazemos um só, precisávamo ter um especialista como aquele ao nosso lado, mesmo para continuar a obra, se eu falhasse, aqui devo dizer eu, sem ser preciso obter uma prorrogação importante. Se eu não tiver um intervalo entre a primeira Memória e a segunda para refechar-me, estou arranjado.

Tudo depende das impressões. E' preciso ver o mínimo de tempo que o Labore pede para dar a Memória francesa pronta, e compará-lo com o Chamerot. E ao mesmo tempo fazê-lo dar o original português no mais breve espaço possível. Tudo depende disto. Depois de Natal não quero parar de trabalhar por falta de provas.

Sempre seu

J.N.

E' preciso que o Raul se entenda com Labore seriamente, ou telegrafar-lhe.

J.N.

XXXII

A Mme. Graça Aranha
Údine

Estou arrastando seu marido e por isso devo-lhe contar deles. Vai muito bem por ora, e descançando. Sabe que ele comigo está em boas mãos. Espero restituí-lo melhor do que o recebi.

Saudades aos nunca esquecidos amigos.

Do seu muito dedicado
18-6-03 J. Nabuco

XXXIII

Meu caro Amigo,

Muito obrigado pela sua affectuosa carta. Ainda estou aqui trabalhando. Tem sido 4 meses de trabalho incessante. Lá se foi a minha cura de Gastein, não sei quando poderei seguir para Viena. Ai passarei Outubro. Não sei ainda onde irei escrever a terceira Memória. Só sei a última hora, porque é trabalho todo meu, que fago, só não querer ter tormento nem comigo mesmo. Aliás para muitos ou que tomam consigo dessa natureza são os piores. Eu não sou teimoso. Não sei onde poderei encontrar as condições que acho aqui para trabalhar. Nem uma só interrupção. Um gabinete de trabalho no meio de um parque, o mais perfeito retiro imaginável pela comodidade de pés.

Por onde quer que eu me decida não lhes fará diferença, porque será por perío, ou em Veneza, ou em Nervi (porto de Gênova), ou em Cattines (que são os lugares em que estou pensando) o destino do seu caminho será curto. Sabe como aprecio a sua companhia, mas para mim o principal é a sua saúde e o seu conforto. Não os quiserá perto de nós, fazendo nenhum sacrifício. O que farão da sua casa de Romana? O momento atual me parece muito bom para a sua ida para o Brasil do ponto de vista das atrações, desde que o C. de Carvalho os está dirigindo e tem toda confiança no Sr. Por esse lado eu confiaria mais do que pelo Paranhos, cujas intenções só conheço a respeito do Domicílio. Mas pelo lado da saúde? E' verdade que ao primeiro sinal o Sr. poderia emigrar novamente, pelo menos sair do Rio. A vida é um problema tão sério, de tantas incógnitas, que a gente desiste de o resolver para si mesmo, resolvendo-o sempre ao acaso

e sob a inspiração do momento; quanto mais quando se trata de resolvê-lo para outros que nos não caros! Não sei nada, nadie posso dizer. Creio na sua estrela, se ter estrela é ser invejado pelas massas que labutam em vão, para chegar donde o invejado chegou sem esforço fugindo às acusações, e só lhe posso oferecer em matéria de conselho os meus votos para que tudo lhe seja bem sucedido, assim como a Dona Yaya, a Heloisa e ao Temistocles, desde que o seu problema é quadrado. Em Novembro nos haveremos de ver, se não tiverem desidio para Roma por causa da casa e do Colégio. Os meus filhos têm muita maturidade com a vida de hotel, sem curva, nem professores fixos. Os seus estão aproveitando pelo que tenho visto.

Já escrevi ao Ruffier, ao Delgado, ao Trope e a Madame Ferreira despedindo-me deles e dando-lhes os meus agradecimentos pessoais. Até o fim do ano pago-lhes a gratificação convencionada. Depois não terrei mais trabalho, estando tudo acatado. Mine Ferreira irá para Londres, mas está surgindo uma dificuldade quanto ao pagamento do auxiliar da Legação pelas novas ordens do Rio Branco, que supriu a verba de publicidade, autorizando as despesas justificadas perante a delegacia. Pretendo escrever a

Terceira Memória em francês. Quanto me custa dizer adeus aos nossos auxiliares. Em breve os diremos uns aos outros. Mas a vida é assim, e éste será um belo trecho da vida. Estou talvez condenado a refugiar-me nas recordações, lá se formam os ouvidos para a música, o espírito, a conveniência, o que já aumentou muito o papel da memória na elaboração da felicidade que me é preciso para viver, e breve não poderá mais permitir-me a distração das 10 horas de trabalho por dia. Tenho hoje necessidade de trabalhar sem parar. Quando ficar livre do Tacutu e sóto na literatura, hei de ser um outro Oliveira Lima. E' verdade que as tarefas deste me parecer hoje iluspiadas. Para descansar em Viena, creio que aprender o Alemão em um mês. Se não ficar ouvindo melhor, não terei perdido a viagem.

Lembranças afetuosa a todos, não esquecendo seu irmão a quem desejo uma feliz chegada.

Do seu M.º sincericamente.
Joaquim Nabuco
XXXIV

Challes, 6 de Set.
Meu caro Amigo,

Ai vai o que o Gouveia me escreve.

"Eu aconselhei à Ferreira, que desejava muito ver os Gracás em St. Moritz, que fosse quanto antes para Beuthen ou Menton, por estar ela muito prostrada, depois de ter tido novas hemoptises. Ela ainda insiste por ir ao Norte da Itália, sempre na esperança de encontrar-se com os Gracás, mas eu lhe proibi terminantemente, não sabendo se será atendido, tamanha pena lhe fiz em com a minha declaração formal de que Suíça e sobretudo a montanha lhe poderia provocar hemoptise mortal. Ela ganhou muito o ano passado com pouco tempo de Menton e eu estou certo que o mesmo lhe vai suceder agora, sendo que lhe aconselhei que, quando vissem os filhos, fosse para a África reformar-se para a vida de Londres. Por amor dela e dos Gracás V. insta em que lhe dê alguma de minhas conselhos".

Que posso eu fazer? No entanto ela deve obedecer. A escolha nesses casos está entre a obediência cega e o suicídio.

Não sei o que responder ao

Verbetes para um Dicionário Bio-bibliográfico

Americano, Domingos Marinho de Azevedo. Nasceu na província de Minas Gerais a 12 de Fevereiro de 1813, e era filho de José Marinho de Azevedo e D. Ana Rosa da Cunha Azevedo. Doutorou-se em Medicina em 1838 pela Faculdade do Rio de Janeiro. Foi, no ano seguinte, nomeado lente substituto da seção cirúrgica da mesma Faculdade. Em 1840 foi a Europa, em comissão científica do estabelecimento em que era professor. Ao regressar, deu, em 1844, um curso especial de molestias do peito. Foi nomeado catedrático de patologia a 17 de Janeiro de 1851. Era médico do Hospital Militar da Guarda da Corte, com a graduação de major. Pertencia à Academia Imperial de Medicina e ao Instituto Histórico. Faleceu a 9 de Junho de 1851.

Escriveu:

— Dicionário topográfico, histórico e descriptivo da comarca de Alto Amazonas — Recife, 1852. 363 págs.

— Memória sobre uma marchinha de guerra para guarda-chuva da Armada Imperial. — "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, ns. 34, 35 e 37 de 1854.

— Sima. Romance histórico do Alto Amazonas — Recife, 1857. 258 págs.

— Dicionário tupico-português e português-tupico. Era propriedade do Instituto Histórico, ao qual foi oferecido pela família do autor, servindo de intermediário o sócio Bras da Costa Rubin. Estava inédito.

— Navegação de Amazonas. Também estava inédito. Foi escrito em resposta a dois artigos do "Jornal do Comércio", de 18 e 22 de Agosto de 1849, e enviado ao Ministro da Marinha e ofício de 4 de Outubro do mesmo ano.

ARMANDO MONTEIRO

Tendo permanecido algumas dias na Capital Federal, embarcou, na quinta-feira passada, para Recife, o Deputado Armando Monteiro, grande industrial e político dos mais influentes no Estado de Pernambuco.

nhamos uma Academia de Ciências Históricas. Literatura não nos tem faltado ultimamente. Vou cheio de livros brasileiros para Viena.

Dê-me, porém, notícias de sua saúde. Tudo é incerto neste mundo, e eu mesmo me reputo um milagre de sobrevivência e não posso deixar de admirar a resistência do fio que há tanto tempo me suspenso sobre o nada. Mas não o quero saber nesse meu procurador indecidido (que dura há vinte anos, consolidando-se sempre), e sim com a perfeita segurança de um prazo limitado.

O seus problemas são formulados pelo coração, e manter o grupo, que ele formou, e de que o Sr. é o centro, completar a moldura ter adquirido a "patina" de uma época desaparecida, é como eu formulá-lo de si o seu problema.

Sujeito tudo à consolidação completa da sua cura. Não se deve desviar, isto é, nem se deve dizer mal destruir. Seja metódico, absoluto, direto, exclusivo nesse propósito único. Tudo mais virá como consequência, como presente gratuito de fortuna.

Em uma palavra, manda-me notícias presentes e futuras.

Afetuosas lembranças a todos.

Do seu mi. dedicado
J. Nabuco

(Veja AUTORES E LIVROS, vol. IX, págs. 9 e 81; e vol. X, pág. 9).

NOTÍCIA SOBRE...

(Continuação da pág. 27)
Iuhames, os cardás, a mandioca, os alpins, os arrozes.

Tudo isso Botelho de Oliveira canta e celebra, e semelhantes em seus versos que ele ama enterneclida, filialmente, esse seu mundo fresco, novo e virgem, esse seu mundo inatigual: o Brasil.

Botelho de Oliveira é patrono da Academia Brasileira de Letras (quadro dos correspondentes) e da Academia Bahiana de Letras.

"O Corvo", de Edgar Poe

X — TRADUÇÃO DE MILTON AMADO

Foi uma vez: eu refletia, à meia-noite, erma e sombria,
a ler doutrinas de outro tempo em curiosíssimos manuais,
e, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um ruído,
tal qual se houvesse alguém batido à minha porta, devagar.

"E alguém?" — fiquei a murmurar — "que bate à porta, devagar;
sim, é só isso e nada mais!"

Ah! Claramente eu o relamei: era no gelado dezembro,
e o fogo, agônico, animava o chão de sombras fantasmais.
Ansioso ver a noite fina, em vão a ler buscava ainda
algum remédio à amarga, infinta, atrasada saudade de Lenora.

— essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora

é nome aqui já não tem mais.

A seda rubra da cortina arfava em lugubre surdina.
Arrepiando-me e evocando ignotos medos sepulcrais.
De susto, em pálida aritmia, o coração veloz batia
e a sossegá-lo eu repetia: "E' um visitante e pede abrigo.
Chegando tarde, algum amigo está a bater e pede abrigo.

é apenas isso e nada mais!"

Ergui-me apôs a calmo enfim, sem hesitar, falei assim:
"Perdoai, senhora ou meu senhor, se há muito ai fôr me esperais;
mas é que estava adormecido e foi tão débil o batido,
que eu mal podia ter ouvido alguém chamar à minha porta.
assim de leve, em hora morta. Escanearei então a porta

— escuridão e nada mais.

Sondei a noite erma e tranquila, olhei-a fundo, e perquiri-la.
Sonhando sonhos que ninguém ousou sonhar iguais.
Estarrecido de ansia e medo, ante o negro imoto e quêdo,
só um nome ouvi (quase em segredo eu dizia) e foi: "Lenora"
e o eco, em voz evocadora, o repetiu também: "Lenora"

Depois, silêncio, e nada mais.

Com a alma em febre, eu novamente entrei no quarto e de repente,
mais forte, o ruído reconheci e repercutiu nos vitrais.
"E' na janela" — penso então. — "Por que agitar-se de aflição?
Conserva a calma, coração! E' na janela, endo, agourento.
O vento sopra. E' só do vento esse rumor surdo e agourento.

E' o vento só, e nada mais.

Abro a janela e eis que, em tumulto, a evocar, penetra um vulto:
— é um Corvo hierático e sobrônio, egresso de eras ancentrais.
Como um fidalgo passa, austero e, sem notar sequer meu susto,
adeja e pousa sobre o busto — uma escultura de Minerva,
bem sobre a porta; e se conserva ali no busto de Minerva.

empoleirado, e nada mais.

Ao ver da ave luctuosa e escura a soleníssima figura,
desperta em mim um leve riso, a distrair-me de meus ais.
"Sem crista, embora, o Corvo amigo e singular" — então lhe digo —
não tens navor. Fala comigo, alma da noite, espectro torvo,
qual é o teu nome, ó pobre Corvo, o nome teu no inferno torvo!"

E o Corvo disse: "Nunca mais".

Marsivilhou-me que falasse uma ave rude dessa classe.
Pois nunca soube de vivente algum, outrora ou no presente,
que igual surpresa experimente: a de encontrar em sua porta,
uma ave (ou fera, pouco importa), empoleirada em sua porta.

E que se chame "Nunca mais".

Diversa coisa não dizia, ali pousada, a ave sombria.

Uma página de prosa de Manoel Botelho de Oliveira

(Continuação da pág. 40)
singular prudência desta
teção, que Sua Majestade
lhe fala, fez marchar o
exercito com tão admirável
ordem, que todos os Cabos
Nacionais, e Estrangeiros
concorreram a dar-lhe os pa-
rabens do acerto, com que
Vossa Excelencia por He-
roe capaz, e digno de outros
maiores as Magestades am-
bas, pois na barbara, que se
fez no Porto de Aguada em
sete de Outubro, vendo-o
livre das balas do inimigo,
especialmente de uma que
lhe chamuscou a anca, a
cauda do cavalo, em que
andava montado, não po-
dendo dessejá-lo o seu ju-
bilo, davam tambem multipli-
cados parabens a Vos-
sa Excelencia de escapar a
todos perigos, em que o me-
teo o seu valor, e de que o
livrou a Providencia Divina,
favor bem merecido da pie-
dade com que Vossa Excel-
encia apocorría na Campan-
ha aos soldados com tão

repetidas esmolas, escudos
fortíssimos que o defendem
dos maiores apertos da ter-
ra, ao mesmo tempo que lhe
servem de poderosas armas,
co que Vossa Excelencia
está conquistando o Céo.
Mal pudera dizer de ou-
tras muitas heroicas ações,
relevantes prendas, e sin-
gulares virtudes de Vossa
Excelencia, se este epilogu-
zado papel fora capaz de
tanto empenho 1 porém,
como nesse não cabe a mu-
ltiplicidade de tantos títulos,
quantos as ademadas seja
temeridade querer recopilar,
um mar immenso em tão
limitada concha, e copiar
figura tão agigantada em
um quadro tão pequeno.
Guardo Deus a pessoa de
Vossa Excelencia por dilat-
ados, e felicissimos annos
para gloria de Portugal.

De Vossa Excelencia
Menor, subrito,

MANOEL BOTELHO
DE OLIVEIRA

PLANO EDITORIAL DO IPÉ

Constam do plano editorial
do IPÉ, grandes obras de His-
tória Universal, tais como:

"História da Idade Média",
de Gioacchino Volpe, "História
dos EE. UU.", de Charles Beard
e Mary Beard, "História da re-
volução soviética", de W. H.
Chamberlin, e mais uma obra
fundamental de Benedetto Croce,
"História da Europa no sé-
culo XIX".

Continuando a Série História
Literária que já nos deu a his-
tória das literaturas italiana,
russa e norte-americana, appa-
recerão: "História da Literatu-
ra Francesa", de Bélier e Ha-
zard e "História da Literatura
Alemã", de Vitorio Amoretto.

Ainda outras obras de caráter
histórico serão publicadas na
série Pantheon Brasileiro e
Pantheon Universal. A primei-
ra apresentará uma importante
galeria que se inicia com "Ruy
Barbosa", de Mário de Lima
Barbosa, seguindo-se "Joaquim
Nabuco", de Celso Vieira,

Tranquilidade na adversidade

Magnífico relato de Plutarco.

Celebrava-se uma festa na
Lacedemónia. A cidade rego-
gitava de estrangeiros, vindos
para assistir às ginopédias. E
os círculos disputavam o prêmio

Poi em tal momento que sur-
giram os emissários, anuncia-
do o desastre de Leutes.

Os eforos imediatamente
compreenderam o quanto aqui-
lo iria prejudicar os seus né-
gocios; imediatamente percebe-
ram que o império da Grécia
estava perdido para eles.

Entretanto, ordenaram no cô-
ro que permanecesse na arena;
e tomaram medidas para que
a cidade em nada mudasse o
seu aspecto festivo.

Fizeram, porém, chegar em
cada casa, a cada pac, o nome
do filho morto.

"Gonçalves Dias", de Manuel
Bandeira, "Santos Dumont", de
Raul de Polillo, e "Tumam-
ré", de Gustavo Barroso.

A segunda nos dará duas

grandes biografias: "Tacito",
de Conocito Marchesi e "Rich-
ieu", de Karl Burckhardt.

Assim terminaram o espe-
cial, louvaram os artistas,
aplaudiram os formosos exer-
cícios dos círculos.

No dia seguinte, pela manhã,
vieram na lista completas dos
sobreviventes e dos mortos. En-
tão os pais dos mortos vieram
para a praça pública, e abra-
çaram-se todos, com alegria e
coragem. Ao contrário, os pais

daqueles que haviam ficado vi-
vos permaneciam como se es-
tivessem de luto, encerrados em
casa com as mulheres... E se
algum deles tinha necessida-
de sair á rua, via-se
pelo seu aspecto, pela sua voz,
pelo seu olhar, pelo seu ar de
abalimento, a humilhação pro-
fundia que estava sentindo...

Mas as mulheres principa-
lmente é que seria curioso ob-
servar. Elas esperava o filho
e ele estava vivo, e com certeza
dali a pouco viria abraçá-la; e
entretanto ela se mostrava aba-
tida e muda... Aquelas haviam
perdido os filhos: corriam, en-
tretanto, para o templo, falan-
do com alegria, felicitando-se
com um mutuo orgulho.

(Vida de Agésilaus).

(Pensamento da América, 24 de Dezembro de 1944, Ano III, n.º 12).
(Nota — Veja AUTORES E LIVROS, vol. IX, págs. 21, 23, 51, 60, 80,
147; vol. X, págs. 10 e 33).

Uma fonte de Ronsard

MUCIO LEÃO

Divertimento dos mais interessantes e dos mais agradáveis, e acompanhar, através dos séculos e das literaturas, o mistério da criação poética. Pesquisar, em suas origens mais remotas, a idéia central de uma tragédia ou de um drama de Shakespeare — que tarefa cheia de sedução, e às vezes de deliciosas surpresas!

Usando a modestia prata de nossa própria casa, Humberto de Campos compôs uma série de anotações muito sugestivas, acerca dos donos de nossos versos. E, embora tivesse ali ficado adstrito às letras brasileiras, mostrou como existe uma funda e inevitável influência de uns poetas nos outros, mostrou como a obra literária é condicionada, sempre, a outras obras anteriores, que a explicam e mesmo autorizam... Já sabíamos disso, não há dúvida. Mas foi útil o trabalho que Humberto de Campos se deu, ao apontar os motivos de tantos fulgidos poemas, de tantos maravilhosos versos.

Por hoje, saindo um pouco dos limites das letras brasileiras, procurarei traçar a marcha de uma idéia que se tornou um lugar-comum da poesia universal. Refiro-me à comparação da mulher com a flor (coisa que certamente já ocorreu ao venerável pai Adão, no Paraíso); e, mais precisamente, da mulher nova e digna de ser amada, com a flor ainda vívida e fresca.

Parce que nessa corrente de idéias o trabalho que se tornou mais famoso em todas as literaturas foi o de Ronsard. Galante e util, o velho poeta fazia a comparação, e conclusivamente a mulher-amada que o quisesse, enquanto não envelhecia, enquanto não se tornava murcha e imprestável como havia de acontecer com as flores... Eis o soneto do mestre de "Pleide":

*Je vous envoie un bouquet que ma main
Vient de trier de ces fleurs épâties:
Qui ne les eut à ce vêpre cueillies,
Chutes à terre elles furent démain.*

*Cela vous soit un exemple certain
Que vos beautés, bien qu'elles soient fleuries,
En peu de temps cherzont toutes flétries
Et comme fleurs périront tout soudain.*

*Le temps s'en va, le temps s'en va, ma Dame,
Las! le temps non, mais nous nous en allons
Et tot serons étendue sous la lame;*

*Et des amours désuelles nous parlons.
Quand seront morts, n'en sera plus nouvelle:
Pour ce aimez-moi cependant qu'êtes bole.*

Manuel Bandeira amou esse soneto do velho poeta francês, e, em sua face poética inicial, o interpretou dessa forma:

PARAFRASE DE RONSARD

Foi para vós que ontem colhi, senhora,
Este ramo de flores que ora envio.
Não no houvesse colhido e o vento e o frio
Tê-las iam crestado antes da aurora.

Meditaí nesse exemplo, que se agora
Não sei mais do que o vosso outro macio

Rosto nem bôca de melhor feito,
A tudo a idade altera sem demora.

Senhora, o tempo foge... o tempo foge...
Com pouco morreremos e amanhã
Já não seremos o que somos hoje.

Por que é que o vosso coração hesita?
O tempo foge... A vida é breve e é vã...
Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.

E' curioso seguir até mais longe o delicioso poemazinho de Ronsard. Na coletânea dos "Amours divers", do velho poeta francês, encontro este soneto submetido ao título: "Imitado de Marulo". Passamos, assim, da França para Constantinopla e Florença, entre o século XV e XVI.

Esse Marulo, com efeito — Miguel Tarcaniota Marulo — era um grego, nascido em Constantinopla cerca de 1440. Fê-se e viveu em Florença, onde morreu com cerca de 60 anos. Só escreveu em latim. Foi autor dos "Epigrammata" e dos "Hymni".

E' no primeiro desses livros que se acha o formoso epígrama, imitado por mestre Ronsard. Eis a peça de Marulo:

*Has violas atque hac tibi candida lilia mitio.
Lilie, hodie violas, candida lilia heri.
Lilia, ut instanti monearis, virgo, senectae,
Tum olio que lapsa marcida folii.
Illa, ut vere suo doceant ver carpere vitae.
Invidia quod miseria tam breve Parca dedit.
Quod si tarda venis, non ver breve, non violas, sed
Pro facinus sentes, cana, rubosus metes.*

Não se pense, porém, que Marulo só ouvia a voz da sua ternura apaixonada e trônica, ao dirigir à esquila imagem de seus desejos uma exortação tão eloquente. Não: ele compunha os seus versos latinos com a Antologia Grega entre as mãos! E lá podia ler num epígrama de Rufino — poeta grego — a biografia desconhecida, que parece ter existido no segundo século da era cristã, e que figura largamente naquela encantadora coletânea de poemetas líricos — esta amorosa meditação que deu origem à sua:

Numa coroa de flores

Eu te envio, Rodoléa, esta coroa, que minhas próprias mãos formaram com tão lindas flores. Nela encontram-se lírios, botões de rosas, anêmonas que se abrem ao vento sul, violetas de brilho escuro. Coroa-te com ela e deixa de ser tão soberba. Lembra-te de que, como esta coroa, tu também floresces; tu também te acabas.

Ai está uma longa e de certo cativante viagem. Se quisesses alongá-la, poderíamos talvez fazê-lo. A comparação da mulher moça e formosa com a flor ainda em seu brilho, seguida da conclusão filosófica de que a beleza e o amor murcham como as flores — talvez a encontrarmos num elegíaco latim, próximo de Horacio ou de Ovidio, ou talvez até num remoto poeta grego, contemporâneo das guerras persas. Tão distante se acha a fonte generosa e divina de toda a poesia dos tempos!

de Direito, que poderia ter resultado árido, como é o estudo da Liberdade, as suas qualidades essenciais, que são as de escritor preocupado com a elegância da forma e a elevação das ideias.

— Leitão, Maria de Loudes de Barros — *Figueira Brava* — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1948, 103 págs.

— Queiroz, Laura Margarida de — *Canta, meu corsedo* — Segunda Edição — Livros de Portugal, Ltda. — Rio, 1948, 151 págs.

— Martins, Cristiano — *Rilke, a Poesia e a Poesia* — Coleção Marília de Direcção, 2 — Com retrato de Rilke — Movimento Editorial Panorama — Belo Horizonte — Caixa Postal, 727 — Minas Gerais — 1949 — 187 págs.

— Boletim do Instituto de Cultura Uruguaya-Brasileiro — Ano 3, n.º 3 — Montevideu. Agosto de 1948.

— E' quase completamente dedicado a Castro Alves, transcrevendo, entre outros, os seguintes trabalhos:

— *Exaltation de Castro Alves*, de José Pereira Rodrigues. E' uma conferência pronunciada no ato inaugural da Semana de Castro Alves, sob os auspícios do Instituto de Cultura Uruguaya-Brasileiro, e do Clube Brasileiro, em 18 de Agosto de 1947.

— Traduções de poesias de Castro Alves, assinadas por C. S. Vitorreira, Gaston Figueira, Enrique Bustamante e Bolivian:

— Vários retratos de Castro Alves.

— Lumes, José — *Candeia* — 2.ª edição aumentada. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1948, 132 págs.

— *Tradicão, Revista de Cultura*. Suplemento da Tribuna de Petrópolis. Diretor responsável, Hugo Auter. Ano XII. Nova fase, n.º 10 — Outubro, Novembro e Dezembro de 1948.

— *Revista Esso*, n.º 129 — Outubro-Dezembro de 1948 (Rio de Janeiro).

— *Revista das Academias de Letras*, Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil. Número 63. Rio de Janeiro, 1.º Semestre de 1948, 150 págs.

— Piloto, Valfrido — *Rua de Pedro* — Poesias de — Gráfica Mundial Ltda. Curitiba — 1948, 158 págs.

— *Revista da Academia Paulista de Letras*, ano XI, n.º 44 — 12 de Dezembro de 1948, 144 págs.

— Cox, Didermando Duarte — *A Fiscalização do Imposto de Consumo e o seu lado pitoresco* — Rio de Janeiro, 1949, 296 págs.

— Ricardo, Jacy G. — *Canto Chorado* — São Paulo, 1948, 154 págs.

— Martini, Mário M. — *Estudo sistemático dos verbos portugueses* (3.ª edição) — Gráfica Olímpica Editora — Rio de Janeiro, 1948, 335 págs.

— Pena, Coriolano — *Repositório Romântico*. Capa de Santa Rosa. Editora A Noite. Rio (Continua na pág. 48)

O PROGRESSO DA CIÊNCIA

De maneira geral, é fácil estabelecer uma regra: quanto mais delicada é uma ciência, mais lentos são os seus progressos. Não quer com isso estimular uma graduação aristocrática entre as ciências. Quero apenas frisar que quanto mais precisos são os dados com que elas jogam, quanto mais material for o campo em que elas trabalham, tanto maiores são os progressos a que elas atingem.

Olhemos a Astronomia, que come colocava no topo das ciências, logo após as Matemáticas. Vede o quanto é imenso o progresso que nela o homem fez. Devassar mundos e mundos, chegar a estrelas que não existem na milénio, invadir os infinitos, pesar os orgulhosos, capazes de conter milhares de veres o nosso planeta, ultrapassar em cálculos vertiginosos os satélites de Altair, de Algo... E alguma coisa isso. E maravilhoso esse imenso romance da Astronomia. Difficilmente haverá página na história do pensamento humano que valha a descoberta de Netuno. Perceberá Le Verrier que uma força estranha sobrevinha, ocasionando inesperadas perturbações sobre o planeta Urano. Perceberá-a observá-lo, a esse remotíssimo irmão da Terra, um dos primogenitos do Sol. E, no estudo de um an, conseguiu prever a massa, a órbita, a posição desse novo astro, que perturbava o outro. Mas não podia saber ao certo, afirma de tais estrelas individuais celestes... Se o astro que é preciso descobrir (informou só, então) pode ser compreendido, quanto ao aspecto, como as estrelas, não é preciso, para distinguir-lo entre elas, observar todas as estrelinhas que são vistas na região do céu que devemos explorar, e encontrar, entre todas, uma que temas suas movimentações próprias. Será um trabalho sem dúvida longo e peninsíssimo. Mas se, ao contrário, o disco do astro tiver uma amplitude sensível, que não permita confundi-lo com as estrelas, se se puder consultá-lo, com a posição rigorosa de todos os pontos luminosos; um simples estudo de sua aparente fixidão, as pesquisas prosseguem rapidamente...

Isto escrevia Le Verrier em Agosto de 1846. Um mês depois, em uma carta, foi pedir a Galle, astrônomo de Berlim, que pesquisasse o planeta. Recebia a carta no dia 28 de Setembro. Galle, na mesma noite, tomou de uma excelente lente, que Bressane achava de levantar. Notou então que havia no céu uma estrela de 8.ª grandezza, que não se encontrava referida no mapa de Bressane. No dia seguinte, verificou que essa estrela havia mudado de posição. Era o planeta de Le Verrier! A Astronomia tinha dado um dos seus maiores e mais maravilhosos passos.

De certo os progressos dessa ciência são vertiginosos e deslumbrantes. Outra vez, a Terra era o orgulhoso centro do Universo. Em torno dela girava o Sol e dançavam as Estrelas. Velo Copernicus, e a Terra se via de repente diminuída: passou a ser o que de fato é — um dos planetas mais humildes do sistema do Sol. Mas elas que hoje o Sol por sua vez se vê humilhado: sabemos que ele não passa de uma modesta estrela na imensa multidão de estrelas da Via Láctea... E sabemos, também, que por seu lado a Via Láctea é apenas um desses inúmeros turbinas de estrelas que giram com profusão no espaço. De descoberto em descoberto, o homem todo tem descoberto, nos mistérios dum

A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da pág. 43)
que encerra, parece-nos interessante transcrever aqui:

"Exercitando essa faculdade, o Chefe do Governo decretou duas mil e poucas reformas e apontamentos, algumas das quais a título de prêmio e outras até a pedílo. Essas foram em maior número. O Sr. Salgado Filho, digníssimo e honrado Ministro do Supremo Tribunal Militar, por exemplo, foi apontado, possivelmente, por conveniência do regime, para servir como Ministro da Aeronáutica, o que fez prestando realmente ao país, inestimáveis serviços".

Registrando o aparecimento do livro do Sr. Leopoldo Cunha. Melo queremos acentuar o espírito de progresso que em geral inspiram as páginas redigidas pelo Procurador do Tribunal de Contas. Achámos nela um homem justo, equilibrado, capaz de sentir, no lado ou adiante do texto frio da lei, essa imensa e dolorosa realidade filosófica — o saber, que só a fraquezza, só o sofrimento, prendem a vida dos homens.

LIVROS RECEBIDOS

— Caldwell, Taylor — *Dinastia da Morte* — Tradução de Lúcio Junqueira. — Coleção Oceano, 20 — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1948, 606 págs.

— Castro, Mauro de Morais e Souza — Prefaciado pelo escritor Pedro Calmon, da Academia Brasileira de Letras. Oficinas Gráficas do

Correspondencia de escritores.

Cartas de Moniz Barreto a José Veríssimo

Rio 24 de Janeiro de 1896.
Meu prezado Amigo.
Recebi com grande atração a sua carta pelo fato de não ter

ido durante um certo tempo à casa da pessoa a cujo cuidado ela foi mandada. Estimei ter notícias suas e veio perseve-

24 de Janeiro de 1896

Meu prezado Amigo

* Rebi com grande atração a sua carta pelo fato de não ter sido durante muito tempo a vez da pessoa a cuja custo elle foi mandada. Vou tentar escrever-lhe mais cedo para encorajá-lo a fazer o que lhe é natural, ou seja, mandar-me uma carta mensal ou bimensal de notícias suas e de suas atrações. Vou tentar, também, mandar-lhe uma carta mensal ou bimensal de notícias suas e de suas atrações.

Tive escrito que a Revista vai entrar numha phase nova e mais livre de embargos e desalento, de sorte que esse é o motivo que lhe deve ser atração. Tudo o que que elle fôr ganhando representa uma nova garantia de duração permanente. É impossível que num país dos recursos e de futuras do Brasil não surteira uma revista mensal ou bimestral d'agellas dimensões.

Sinto a proposta que me faz de me encarregar dum cargo permanente da Revista porque talvez o tempo suinte fosse por trabalho melhor mas obstante, não lhe quero desgostar. Meu trabalho não lhe promete desde já um desgosto. Vou tentar, para encorajá-lo, mandar-lhe, em outubro pelo menos de 5 de Novembro, um artigo sobre os numeros de Ubras. Se fizer de alguma maneira oportuna pode contribuir para qualquero modo tornar a Revista numha prosperidade de público que por quem a impulsiona fôr pela terra em que aparece e da qual é nascida as melhores condições.

Quanto ao escrivor permanentemente da Revista, algumas indicações, concordando a publicidade da Revista na imprensa, fôr faltas a um bimestre de aqui para pôr a Revista na estrada. Os franceses não se cansam, e

O PROGRESSO...

(Conclusão da pág. 47)
nos domínios da Astronomia. E hoje para um sábio mansão do infinito é uma segura mansão — despedida de mistérios — mais ou menos como para um de nós é sem mistério a casa em que moramos!

Desçamos alguns degraus, na escala de classificação comitêana, e iremos ver que o progresso continua vertiginoso.

Que não sabe o homem acerca dos mistérios da Física? Que ignora ele acerca dos mistérios da Química? Que há, no campo dessas ciências, que o homem não possa investigar? E que novas elaborações maravilhosas não estão a esta hora, em via de sair do espírito dos novos Einstein, depois que eles conseguiram desvendar o segredo da desintegração do átomo?

Lisandre Mendes

rando na ideia de contribuir na medida das suas forças para elevar o nível intelectual brasileiro.

Pico ciente que a "Revista" vai entrar numa fase nova e mais livre de embargos e desalento de editor. Estou certo que lide virgar. Todo o tempo que elle fôr ganhando representa uma nova garantia de duração permanente. É impossível que um país de recursos e de futuro do Brasil não sustente uma revista mensal ou bimensal daquelas dimensões. Quanto à proposta que me faz de me encarregar dumha seção permanente da "Revista", embora tenha o tempo muito tomado por trabalho inglório mas obrigatório, não lhe quero dizer não. Mas também não lhe prometo desde já em definitivo. Vou tentar e para começar mandar-lhe-hi um artigo pelo correio de 5 de Fevereiro que poderá aparecer no número de Março. Ao fim de alguns meses verei se posso continuar. De qualquer modo, tomo o maior interesse na prosperidade da publicação, já por quem a emprenho já pela terra em que aparece e de qual guarda os melhores recordações.

Quando lhe escrever proximamente lhe darei algumas indicações concernentes à publicidade da "Revista" na Europa. Já falei a um livreiro de aquela para a Revista na vitrine.

Os franceses não na Ierusalém, mas a colônia brasileira é importante, e aparecer em Paris daria certo prestígio. Sera também conveniente lançá-la em Portugal.

Tocante à maneira de me fazer chegar as honrarias que

me arbitra não vejo outro meio senão mandar-me um cheque dentro de certa registrada. Para facilitar pode reunir dois meses num e expedir a quantia no fim do primeiro para que ela não chegue com grande atraso. Quanto ao "Jornal do Comércio" não pense nisso, visto não me ter mandado de lá quanta alguma.

Brevemente lhe escreverei. Peço-lhe que me recomende ao Coelho Neto ao nosso sábio amigo César Páduano e que me crea.

Seu Am. M. dedicado
Moniz Barreto

50 Rue des Ecoles.

Paris, 23 de Fevereiro de 1896.
Meu Caro Sr. José Veríssimo.
Recebi as duas cartas que me escreveu. A primeira já respondi em carta que lhe enviei para a Livraria Laemmert; a estas horas já deve estar ciente do conteúdo dela. Tenho prazer a explicar-lhe a demora na remessa do artigo desejado.

Passel a primeira quinzena de Fevereiro bastante indisposto de saúde. Mas embora os meus trastornos absorvam o melhor do meu tempo desejo satisfazê-lo auxiliando na medida das minhas forças o seu simpático empreendimento.

Escolhi como assunto e preparei um artigo sobre as Idéias sociais na Alemanha. Conto expedí-lo pelo paquete de 20 deste que chegará ao Rio em 17 de Março.

Quanto ao mais disponha sempre de seu.

Am. M. obgd.
Moniz Barreto

50 Rue des Ecoles.

Um brasileiro é importante, e aparecer em Paris diante desta prestigiosa tribuna certamente lhe dará um grande prestígio.

Tanto a maneira de me fazer chegar as honrarias que me arbitra não vejo outra maneira senão mandar-me um cheque dentro de certa registrada. Para facilitar pode reunir dois meses num e expedir a quantia no fim do primeiro para que elle não chegue com grande atraso. Quanto ao Journal du Commerce não pense nisso, visto que ele não tem grande prestígio.

Quanto ao escrivor permanente da Revista, é preciso que ele seja um bimestre de aqui para pôr a Revista na estrada.

Seu Am. M. dedicado

Moniz Barreto

50 Rue des Ecoles.

A VIDA DOS LIVROS

(Conclusão da pág. 47)

de Janeiro, s.d. (1942). 320 páginas.

- *Revista da Legislação Social e Jurisprudência do Trabalho*. Ano I, n.º 1. Janeiro de 1942. 60 págs. Tem como diretores Luiz Mezavilla e F. Alexandre, como secretário Alceu Marinho Rêgo.
- Pereira, Lúcia Miguel

Machado de Assis — *Estudo*
edição — Gráfica Brasileira
Lda. — São Paulo, 1949,
210 págs.

E o primeiro volume que publicou o Círculo Literário do Brasil, iniciativa que se extrikt sob os mais simpáticos suspeitos.

- Olimpio, Domingos — *Luzia-Homen*, Gráfica Editora
Brasileira Ltda. São Paulo,
1949. 239 págs.

Nota sobre Guilherme Moniz Barreto

Guilherme Moniz Barreto é um dos principais vultos da cultura crítica e filosófica de Portugal no século passado e em todos os tempos. Residiu no Brasil durante algum tempo, e foi amigo de numerosos escritores brasileiros. Teve extensa amizade com José Veríssimo. E não dirigidas ao ilustre crítico dos *Estudos de Literatura Brasileira* as duas cartas de sua autoria que nesta página publicamos. Pertencem os originais nos ricos arquivos da Academia Brasileira de Letras.

Guilherme Moniz Barreto nasceu em Góis, na Idade, em 1863, e fez a sua educação em Portugal, sendo no colégio secundário companheiro de Cláudio Lima, o eminentíssimo historiador brasileiro. Foi colaborador da "Revista de Portugal", de Eça de Queiroz e da "Revista Brasileira", de José Veríssimo. Residiu durante algum tempo — entre 1894-96 — no Brasil, tendo-se fixado no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Foi correspondente do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro em Paris. Faleceu na capital francesa a 29 de Dezembro de 1896.

Escritor:

— *Ensaios de crítica*. Coleção Pensamento, da Livraria Bertrand — Lisboa, 1941.

Nesse livro foram recolhidos os melhores trabalhos do autor, publicados antes em vários lugares. Trata um estudo sobre Moniz Barreto, assinado por Vitorino Nemésio.

Na "Revista Brasileira" existem os seguintes trabalhos de escritor português:

— *A Filosofia Positiva e o Ensino Militar*. T. XI. — página 240.

— O Sr. Eça de Queiroz. Estudo de psicologia. T. XII. — págs. 65, 211, 295 e 327.

Bernard Shaw em edições brasileiras

Nunca significativo empreendimento editorial, "EDIÇÕES MELHORAMENTOS" acabam de adquirir os direitos, para a língua portuguesa, das obras de Bernard Shaw, as quais aparecerão dentro em breve numa coleção destinada ao mais franco sucesso: "Séries de Bernard Shaw". A tradução dessas obras, imediatamente famosas, serão confiadas aos mais autorizados tradutores.

Jornalista, crítico romântico, novelista e dramaturgo, Shaw é um nome conhecido universalmente, tanto pelo originalíssimo estilo satírico, como pelo seu rebelde temperamento, os quais deram às suas obras um cariz excentrico.

De sua vasta produção literária serão lançadas, nessa stupenda realização das "Edições Melhoramentos", para breve: "Pigmalião", "Satié Joan", "Candidida", "Cesar e Cleopatra", "Man and Superman", "Androcles and the Lion", "The Man's Destiny", "Mrs. Warren's Profession", "Major Barbara", etc., livros há muito consagrados pela critica mundial.

Em 1922 foi-lhe concedido o Prêmio Nobel de Literatura, e entre as obras mais importantes sobre a sua vida, cita-se a que lhe dedicou Chesteron em 1909, intitulada: "Bernard Shaw".

Chamaram-no o "rei do sarcasmo" e é sarcasticamente que ele vai conquistando o mundo literário, em todos os setores; o que consagra a grandiosidade de seu gênio imortalizado.